

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação Física

Especialização em Educação Física Escolar

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA NOS ANOS 2011 A 2013**

Deuslene Teodoro Rêgo

Goiânia – GO

2013

Deuslene Teodoro Rêgo

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA NOS ANOS 2011 A 2013**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Especialização em Educação Física Escolar, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Sissília Vilarino Neto.

Goiânia-GO

2013

Deuslene Teodoro Rêgo

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA NOS ANOS 2011 A 2013.**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final
Goiânia, 03 de junho de 2013.

Profa. Dra. Sissília Vilarino Neto.

Orientador (a)

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento a Dra. Sissilia Villarino Neto que me acompanhou e me ajudou para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como estão as discussões sobre gênero e sexualidade no campo da produção acadêmica de Educação Física, mas precisamente nos trabalhos de dissertação e periódicos científicos no período de 2011 a 2012. Buscamos compreender, a partir destes trabalhos como estão sendo tratados estes temas nas aulas de Educação Física e quais os tipos de pesquisas que têm sido desenvolvidas e como os conceitos de gênero e de sexualidade têm sido abordados na produção acadêmica. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental e análises dos dados qualitativas e quantitativas através da coleta de dados feita pela internet na consulta ao site da CAPES (www.capes.gov.br) com a abordagem materialista dialética que tem os programas de Pós-Graduação em Educação Física com mestrado que apresente linhas de pesquisa relacionada aos estudos sócio-pedagógicos da Educação Física escolar. Selecionar dissertações e os periódicos da Educação Física que contenham no título os termos gênero e/ou sexualidade. * O resultado da pesquisa realizada mostra que a categoria gênero é discutida em todos os seis trabalhos e a categoria sexualidade é citada em um trabalho. A Educação Física está inserida na categoria gênero e sexualidade, mas em campos de trabalhos diferentes. A conclusão apresenta que a categoria sexualidade é pouco discutida, comparada com a categoria gênero e essas categorias no âmbito escolar ainda não são debatidas/questionadas perante as situações que ocorrem nas relações de meninos e meninas em que há sempre a separação entre sexo nas aulas de Educação Física, tanto por parte dos/as alunos/os como também dos/as professores/as. É extremamente importante que os/as professores/as de Educação Física tenham conhecimento sobre as questões de gênero e sexualidade para serem trabalhadas na escola com o objetivo de reverter as desigualdades entre gênero e sexualidade evitando assim os conflitos causados pelas diferenças sexuais.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; sexualidade; educação física; escola.

Sumário

ÍNDICE DE TABELAS	6
INDICE DE QUADROS.....	7
INTRODUÇÃO	8
CAPITULO 1 – OS CONCEITOS DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA LITERATURA ACADÊMICA	14
1.1. Conceito de Gênero	14
1.2. CONCEITO DE SEXUALIDADE	17
1.3. GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	19
CAPITULO 2 - CARACTERÍSTICAS DOS TRABALHOS QUE TRATAM DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS DE 2011 A 2013	24
CAPITULO 3 - OS CONCEITOS DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS DE 2011 A 2013.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERENCIAS	48
APENDICE A - FICHA DE LEITURA DOS TRABALHOS SELECIONADOS.....	50

INDICE DE TABELAS

Tabela – 1. Dissertações e artigos com os termos gênero ou sexualidade no período 2011 a 2013.....	24
Tabela – 2. Relações nome-sexo dos autores e formação	27
Tabela – 3. Temas encontrados nos trabalhos que apresentaram os termos gênero e sexualidade no título	29
Tabela – 4. Relação tema, tipo de pesquisa e técnica de coleta de dados identificados nos trabalhos selecionados.....	35

INDICE DE QUADROS

Quadro – 1. Relação quantitativa dos autores que fundamentam o debate em torno de gênero nos trabalhos selecionados	36
Quadro – 2. Relação quantitativa dos autores que fundamentam o debate em torno de sexualidade nos trabalhos selecionados	38

INTRODUÇÃO

No ambiente escolar durante as aulas de Educação Física é possível observar o convívio de crianças com diferenças comportamentais entre o sexo masculino e feminino, em que as meninas são mais tranquilas e os meninos mais agitados. Nas atividades físicas meninos recusam juntaram-se com meninas e vice-versa, os jogos que interessam as meninas não são os mesmos dos meninos, estes geralmente escolhem o futebol e elas pular corda.

Nas atitudes comportamentais de meninos e meninas seguem papéis que torna o convívio pouco harmonioso ocasionando “briguinhas” entre eles/as. As desavenças entre os sexos ainda não é canalizada em discussões, debates, observações, entre o grupo de educadores (as). Durante reuniões pedagógicas alguns fatos que ocorrem na escola são apenas comentados, tais como briga entre alunos com agressões físicas ou verbais decorrida em sala de aula ou no pátio, e não há aprofundamento do assunto, ou mesmo análise sobre o motivo dessas agressões que são justamente hostilidades preconceituosas verbais ou físicas com o objetivo de subordinar o/a colega, inculcando nele/a sentimento de inferioridade. Portanto, preconceito entre meninos e meninas são constantes nas escolas e é um tema que deve ser debatido com colegas profissionais e com os (as) alunos (as) para que entendam diferenças sexuais e abandonem o conceito já enraizado de meninos serem mais capazes de praticarem certas atividades físicas do que as meninas.

Nos espaços físicos da escola como o pátio e a quadra a incidência de grupos separados de garotas e garotos, geralmente conversando ou brincando é mais freqüente. Nesta situação acontece o domínio ou disputa de lugar onde cada grupo correlacionado ao gênero delimita seu espaço. Casos assim presenciados nestes ambientes da escola imperam os diferentes grupos de gênero e sexualidade.

A escola ainda é acanhada no que diz respeito ao trato com as questões relacionadas à gênero e à sexualidade. Não propõe discussões, não há visão crítica acerca das delimitações de espaço que meninos e meninas determinam ou que podem e devem ocupar na escola.

Nas disciplinas curriculares não são discutidas as questões de gênero e sexualidade, o que frequentemente é abordado são os cuidados que se deve ter para evitar as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez. É preciso uma ação pedagógica que

intervenha nas relações de gênero e de sexualidade (como meio e não como fim) para uma relação mútua e educativa com os alunos.

Os rituais na escola dão-se de forma opressora em que todos/as devem seguir normas estabelecidas. Os/as estudantes têm pouca liberdade em se manifestar com suas idéias, vontades, opiniões, sufocando sua sensibilidade. Portanto, sendo o ser humano um ser dinâmico e mutável, as regras e normas instituídas devem ser avaliadas visando à evolução.

A forma pela qual a escola tem tratado as questões relativas a gênero e a sexualidade tem sido por meio da fala das/os professoras/es no momento em que acontece situações de conflitos com as/os estudantes, dialogando com as/os mesmas/os sobre o respeito que devem ter uns com os outros. Todavia, esta forma é superficial, desprezando esta problemática do preconceito sobre gênero e sexualidade, objeto de estudo este que, deveria ser aprofundado insistentemente.

As/os professoras/es em geral se posicionam pouco em relação a situações discriminatórias de gênero e sexualidade, mas não quer dizer que eles/as ignoram este assunto. Na realidade, a maioria de nós (professoras/es) não tiveram conhecimento sobre este assunto pois, nossa educação no transcorrer da vida foi inculcando padrões de comportamentos em relação as diferenças sexuais. Por isso muitas vezes nos atritos entre meninos e meninas os/as professores/as apenas corrigem os/as educandos/as para tranquilizá-los/as depois de um desentendimento. Poucos/as ou quase nenhum/a os/as professores/as se posicionam de forma diferente frente às questões de gênero e de sexualidade, discutindo o assunto com outros/as professores/as, com a coordenação e com os familiares responsáveis pelos/as aluno/as nos encontros escolares.

A indústria cultural manipula as relações sociais dentro da escola. Os alunos vivem um padrão no jeito de vestir, de agir, de comportar, alicerçando um tipo de estereótipo para qualificar o indivíduo como “normal” sendo aquele se segue os ditames da mídia televisiva, revistas, propagandas, etc. Aqueles que não seguem o padrão são anormais ou atrasados (como os Punks), o caipira (como é chamado aquele que não usa a roupa da moda), o “pobretão” (que usa roupas simples, sem luxo). Aspectos assim reforçam preconceitos no ambiente escolar.

Compreende-se, aqui, que gênero e sexualidade são conceitos produzidos nas relações sociais cotidianas. Assim a escola como meio de inclusão social deveria promover

mais discussões acerca dos problemas sociais na sua comunidade, enfatizando os conflitos existentes na vivência dos alunos/as.

O motivo de ter escolhido gênero e sexualidade como tema de pesquisa no campo da Educação Física para realizar esta monografia surgiu a partir do fato de ter cursado a Especialização *Gênero e Diversidade na Escola*, modalidade à distância (EAD/UFG-Campus Catalão), concluída em 2012 e por estar ingressa na *Especialização em Educação Física Escolar* da FEF/UFG de 2011 a 2013 que também houve espaço para debater o tema na disciplina *Seminário sobre temas em Educação Física escolar e processo de orientação (gênero e diversidade)* dando-me oportunidade e interesse de continuar neste campo de estudo.

As informações obtidas foram significativas por trazer discussões num campo de conhecimento que até então eu não tinha informação. Antes minha compreensão sobre gênero era aquela definida pela gramática da língua portuguesa que classifica o homem - a mulher, e a sexualidade relativa ao sexo masculino e ao sexo feminino.

Com a formação obtida nos dois cursos de especialização, pude constatar que o tema é intrínseco ao campo escolar. A formação continuada que obtive me despertou uma visão de como nós, professores/as, estamos alheios/as à complexidade da realidade escolar, e como as relações cotidianas de alunos/as são construídas na sociedade através de comportamentos e espaços diferentes ocupados por eles/elas. Ademais, percebi que existe, nas questões de gênero e sexualidade, uma hierarquia de poder exercida pelos homens sobre as mulheres. Isto produz relações de superioridade de meninos sobre as meninas internalizadas de forma normal.

Esta temática de gênero e sexualidade na *Especialização em Educação Física Escolar* está ligada aos assuntos do curso de *Especialização Gênero e Diversidade na Escola*, pois ambas possuem em comum os/as autores/as que debatem sobre o tema.

Este trabalho sobre gênero e sexualidade tem como objetivo investigar pesquisas desenvolvidas sobre o tema em produções acadêmicas no campo da Educação Física. O problema de pesquisa ficou assim definido: como tem se desenvolvido a produção acadêmica sobre Educação Física escolar que tematiza gênero e sexualidade no período de 2011 a 2013?

Como questões norteadoras da pesquisa, temos: como está a produção sobre gênero e sexualidade nas dissertações de mestrado Pós-Graduação em Educação Física e nos periódicos científicos do campo? Como estes temas são tratados na escola e nas aulas de

Educação Física a partir desta produção acadêmica? Quais são os tipos de pesquisas que têm sido desenvolvidas? Quais são os procedimentos metodológicos? Quais são os principais autores que fundamentam o debate em torno de gênero e sexualidade? Como os conceitos de gênero e de sexualidade têm sido abordados nesta produção acadêmica?

O intuito deste trabalho foi pesquisar de que forma os estudos sobre gênero e sobre sexualidade estão sendo tratados no campo acadêmico da Educação Física.

Para tanto, foi realizada pesquisa documental, por meio do levantamento de dissertações e de artigos científicos que tematizaram gênero e sexualidade na escola. A pesquisa foi realizada nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física e em periódicos científicos do campo acadêmico da Educação Física.

O período estabelecido foi de 2011 a 2012 para os cursos de Pós-Graduação e de 2011 a 2013 para os periódicos.

Foram adotados os seguintes passos como procedimentos metodológicos:

1. Consulta ao site da CAPES (www.capes.gov.br) para identificar os programas de Pós-graduação em Educação Física com mestrado e que apresenta linhas de pesquisa relacionada à Educação Física escolar.
2. Consulta aos Programas de Pós-graduação em Educação Física com mestrado e que apresenta linhas de pesquisa relacionada aos estudos sócio-pedagógicos da Educação Física escolar, para selecionar as dissertações que tratam do tema desta pesquisa, no período estabelecido.
3. Consulta aos seguintes períodos da Educação Física: Revista Pensar a Prática; Revista Motriz; Revista Movimento; Revista da Educação Física da UEM; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e Revista Motrivivência. A Revista Pensar a Prática foi selecionada por estar vinculada à FEF/UFG. Os outros periódicos foram selecionados tomando por referência pesquisa desenvolvida por Bracht (2011), acerca da Educação Física escolar como tema da produção do conhecimento nos períodos da área.
4. Seleção de dissertações ou artigos científicos que, ao abordar o campo escolar, tivessem no título os termos gênero e/ou sexualidade.
5. Preenchimento de ficha de leitura (apêndice 1), como forma de sistematizar informações pertinentes a cada uma das dissertações e artigos científicos.

Toda a coleta de dados foi feita pela internet. A consulta aos Programas de Pós-graduação foi feita entre os dias 15 de abril de 2013 a 01 de maio de 2013, às 23h. A consulta aos periódicos foi realizada do dia 01 de maio de 2013 a 02 de maio de 2013, às 16h20.

O caminho deste estudo foi construído tendo por referência a abordagem materialista dialética, uma vez que esta, segundo Triviños, “[...] é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerente, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento” (1987, p. 51).

Quando iniciamos a pesquisa, prevíamos a coleta de dados apenas nos Programas de Pós-graduação, no entanto localizamos apenas uma dissertação com um dos termos no título. Assim, tivemos como alternativa pesquisar os periódicos científicos do campo da Educação Física. Nestes foram identificados seis artigos.

A análise dos dados privilegiou aspectos qualitativos e quantitativos, buscando apreender a constituição dos aspectos sociais, políticos, históricos e culturais que influenciam a produção científica em torno da temática gênero e sexualidade no campo acadêmico da Educação Física.

A exposição está organizada em três capítulos.

O Capítulo 1 compreende a realização da revisão bibliográfica sobre a temática gênero e sexualidade demonstrando os/as principais autores/as e o vínculo deles/as com outras áreas de conhecimento.

No Capítulo 2, iniciamos a apresentação dos dados coletados na pesquisa. Para tanto, o objetivo deste capítulo é contextualizar¹ o material (artigos e tese) que foi coletado e sistematizado por meio das fichas de leitura. Esta contextualização está relacionada às informações sobre: títulos dos trabalhos; ano de publicação; local de veiculação; autores; instituições; sexo; titulação dos autores; tipos de pesquisas realizadas; temas abordados e resultados encontrados.

No Capítulo 3 o objetivo foi apresentar como foram tratados os conceitos de gênero e de sexualidade no material pesquisado (artigo e tese). Desta forma, partimos das temáticas identificadas nos trabalhos para desenvolver a análise.

Este trabalho tem como expectativa contribuir para o avanço dos estudos das temáticas de gênero e de sexualidade no campo da Educação Física escolar. Assim como qualificar meu olhar para os conflitos produzidos nas aulas de Educação Física, entendo que

¹ Esta contextualização está relacionada às informações sobre: títulos dos trabalhos; ano de publicação; local de veiculação; autores; instituições; sexo; titulação dos autores; tipos de pesquisas realizadas; temas abordados etc.

eles não são decorrentes só do espaço da aula desta disciplina curricular. Entretanto, nas aulas, ao não serem tratados com rigor, estes conflitos geram constantemente agressões físicas e verbais e subordinação de um grupo de indivíduos sobre outros.

CAPÍTULO 1 - OS CONCEITOS DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA LITERATURA ACADÊMICA

Este capítulo tem por objetivo realizar revisão bibliográfica sobre a temática gênero e sexualidade. Para tanto, trataremos inicialmente do conceito de gênero e, em seguida, do de sexualidade. Por fim, abordaremos esta discussão na Educação Física escolar.

1.1. Conceito de Gênero

No estudo sobre gênero vários/as autores/as estão inseridos/as nesse assunto. Nos quais são Guacira Lopes Louro (1997), como também Silvana Vilodre Goellner, Joan Scott, Joana Maria Pedro, Dagmar E., Meyer e outros/as. Ambas/os ligadas ao contexto histórico, social e educacional destacando a questão de gênero.

O conceito de gênero está ligado à história do movimento feminista, que é a luta das mulheres contra a opressão que sofriam (e ainda sofrem) na sociedade contemporânea. A História da luta feminista foi um movimento social que eboiu na segunda metade do século XIX no Ocidente, que segundo Louro (1997),

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado “sufragismo”, ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. (LOURO, 1997, p. 14-15).

O sufragismo que logo depois passou a ser conhecido como “a primeira onda” do feminismo na luta das mulheres pelos seus direitos às profissões, ao estudo e ao direito de votar. Lutavam para serem donas de seu próprio corpo e contra o patriarcado que as subordinava. Mas esta luta foi com as mulheres brancas de classe média não tendo a participação de mulheres de classes inferiores por certo comodismo.

Depois houve a “segunda onda” no final da década de 1960 que começa a problematizar o conceito de gênero através dos debates teóricos entre as estudosas e militantes de um lado e as pessoas críticas ou críticos de outro. Em 1968 é o ano de protestos coletivos contra aos modelos sociais construídos na sociedade de vários países.

França, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha são locais especialmente notáveis para observamos intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens, enfim, diferentes grupos que, de muitos modos, expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao

vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. (LOURO, 1997, pp. 15-16).

Nesse período de efervescência do movimento feminista contemporâneo surgem debates nos livros, jornais, revistas não ficando a conscientização das mulheres somente nas marchas e protestos militantes (LOURO, 1997, p.16). Uma das escritoras da época é Simone de Beauvoir autora do livro *O Segundo Sexo* em 1943, que descartava a ideia de que as diferenças de sexo eram naturais e que tem sua frase célebre “não se nasce mulher, torna-se mulher” (CARRARA et al.(Org.), 2009, p. 25).

Outra escritora é Betty Friedan que escreveu o livro *A Mística Feminina* na década de 60, época que a noção de gênero estava ganhando força nos Estados Unidos.

Os discursos feministas da época eram privativos ligados ao mundo doméstico da mulher sendo ocultadas as mulheres camponesas, as da classe trabalhadora que aos poucos foram ocupando espaços em lojas, escritórios, hospitais, realizando assim tarefas fora de casa. Atualmente podemos observar que na maioria desses locais de trabalho as mulheres exercem papéis secundários, geralmente as secretárias de empresas auxiliam o chefe; as enfermeiras de hospitais auxiliam os médicos; nas escolas com crianças, em geral mulheres. Podemos destacar como exemplo a pouca procura de homens nos cursos superiores de pedagogia, enfermagem, psicologia, nutrição e outros, em que prevalece mulheres, sendo estes cursos representados para os homens como “trabalho de mulher”.

Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, “de apoio”, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligado à assistência, ao cuidado ou à educação. (LOURO, 1997, p. 17).

Nessa construção de gênero surgiram formas de contextualizar o que é ser homem e o que é ser mulher, independente do sexo anatômico e sim dependendo de cada contexto social em que o comportamento feminino e masculino nas várias relações sociais de família, de trabalho, de lazer, dentre outras esferas são construídas a partir da cultura e não das diferenças biológicas de sexos. A cultura nesse contexto é o embrião que produz a partir das diferenças de sexos o conceito de gênero. “Em síntese, é a cultura que constrói o gênero, simbolizando as atividades como masculinas e femininas.” (CARRARA et al.(Org.), 2009, p. 25).

Para Pedro (2005), antes dos estudos sobre as diferenças anatômicas entre os sexos, a mulher era reconhecida como “macho incompleto”. A medicina no século XIX intensificou a diferença entre os sexos, colocando a distinção anatômica da mulher com suas

capacidades físicas e mentais mais sensíveis, mais frágeis, incapazes de realizarem certas tarefas. Com isto a imagem da mulher sexo “frágil”, tornando-a assim submissa nos padrões dos sistemas histórico-culturais, modelando-a inferior ao homem como processo natural através de estudos científicos positivistas. Assim, na esfera das ciências biológicas e positivistas padronizou o que vivenciamos ainda hoje, a rejeição e o desrespeito com a mulher por serem consideradas inferiores fisicamente e intelectualmente.

Nas culturas ocidentais a decisão de casar cabia ao pai da noiva que escolhia o marido de acordo com as condições econômicas. O casamento se constituía como uma forma de troca de bens econômicos ou de influências políticas.

Outra estudiosa sobre o assunto Joan Scott, que fez sua definição de gênero a partir das relações sociais configurada com as diferenças percebidas entre os sexos internalizados no interior de relações de poder em que define o conceito de gênero como “organização social da diferença sexual”, (SCOTT, 1998). Joan Scott focaliza gênero nas diferenças entre os sexos constituídos no interior das relações de poder, que segundo ela “Gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais. Uso saber, seguindo Michael Foucault; com o significado de compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas, no caso, relações entre homem e mulher.” (SCOTT, 1988, p. 12). Esta autora ao retratar sobre gênero configurado no movimento feminista propunha uma análise acerca de como o gênero masculino e feminino são construídos, legitimados e contestados

Nos estudos sobre conceitos de gênero é importante ressaltar o que a autora Pedro, 2005, explora são as análises de diversos estudiosos sobre estas questões para que analisemos que tipos de pesquisas estão fazendo na história (das mulheres) atualmente. Assim, o conceito de gênero pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então como são trazidas para a prática social e tornadas parte do passado histórico.

Foi através das feministas anglo-saxãs que surgiu o conceito de gênero para rejeitar o determinismo biológico que propagava o sexo feminino inferior ao sexo masculino e que elas viam as diferenças não neste contexto, e sim no contexto social no qual colocava as diferenças baseadas no sexo. “O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política.” (LOURO, 1997, p. 21).

Portanto o conceito de gênero surgiu com uma profunda influência do pensamento feminista com o intuito de distinguir os aparatos biológicos dos aparatos sociais, tendo o

raciocínio de que há machos e fêmeas, mas as suas maneiras de serem são construídas através da cultura. “Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.” (CARRARA et al.(Org.), 2009, p. 25).

Neste sentido o conceito de gênero está relacionado a várias áreas do conhecimento que envolve a história da humanidade em que homens e mulheres sempre estiveram presentes. “Estudos das áreas da Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura etc. apontam ou comentam as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino.” (LOURO, 1997, p. 18).

1.2. Conceito de Sexualidade

Gênero e sexualidade estão interligados nas relações sociais entre os sexos. O conceito de sexualidade tem suas particularidades que extrapola um pouco o conceito de gênero. Sexualidade, portanto:

Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra vinculado a debates e a disputas políticas. (CARRARA et al.(Org.), 2009, p. 25).

Nas pesquisas realizadas sobre sexualidade os/as autores/as que fazem estudo sobre este tema são: Michael Foucault, Guacira Lopes Louro, M. Rago, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, Richard Parder e Judith Butler, abrangendo o assunto em outras áreas como História, Filosofia, Ciências Sociais, Antropologia, Educação, Pedagogia, Educação Física e Biologia.

A sexualidade é comumente entendida como aquilo que mais temos de “natural” e particular de cada sexo, é uma forma de representar a identidade de sexos de homens e mulheres. “A sexualidade diz respeito à privacidade e ao bem-estar de cada indivíduo, e sua expressão está constantemente sujeita à pressão e à vigilância pública para que seja exercida conforme o que ‘naturalmente’ se espera” (CARRARA et al.(Org.), 2009, p. 25).

Este conceito não é vinculado somente ao sexo, está ligado a todas as relações sociais em que vincula o corpo, os desejos, sentimentos e comportamentos que independem do que é considerado biologicamente natural; sexualidade não é um instinto da natureza humana na qual foi construído o que é “certo” e “normal” para as diferenças de sexo. “Isso acontece porque a sexualidade, ao contrário do que se pensa, não é uma questão de ‘instintos’ dominados pela natureza ou apenas de impulsos, genes ou hormônios.” (CARRARA et al.(Org.), 2009, p. 25).

Nas circunstâncias atuais a sexualidade está sempre presente no casamento, na família, nas relações de gênero, na decisão de pessoas sobre seu corpo e com quem querem compartilhar sua vida sexual. Enfim, todas as manifestações sociais ligadas ao corpo em que cada um/a tem suas decisões pessoais independentemente do que é considerado natural no corpo. Portanto, a sexualidade é um assunto das várias esferas sociais, políticas e jurídicas, como por exemplo, a liberação do casamento gay pelos juízes em algumas cidades no Brasil; na política, atualmente a polêmica do deputado representante dos Direitos Humanos ser contra a homossexualidade. A sexualidade é um pergaminho das lutas políticas pelos direitos iguais, como por exemplo, a Parada Gay que ocorre todos os anos no Brasil e no mundo. “[...] embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo.” (WEEKS, 2001, p. 38).

Segundo Michael Foucault, a sexualidade é constituída como um campo do poder dominante. Os mecanismos de poder proporcionaram uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora. A homossexualidade e a infidelidade de casais eram condenadas nos tribunais. Os hermafroditas eram considerados criminosos pela sexualidade que confundiam as leis, porque as leis na época distinguiam os sexos. Para Foucault (1988) a sexualidade infantil era repassada às famílias um regime médico-sexual onde a sexualidade era um mal a ser suprimido o que se chamava vícios das crianças.

Segundo Foucault (1988), a sexualidade foi uma forma de repressão da burguesia, o poder desde a época clássica foi um mecanismo de controle da sociedade, com isto, a repressão sexual foi uma forma de condicionar os indivíduos subservientes ao capital. Assim, as sexualidades ilegítimas que não eram aceitas nos padrões do capitalismo, poderiam ser reinscritos no circuito operante da produção e do lucro, ou seja, meros operários. Neste contexto, a sexualidade com as crianças era proibida, não podiam ouvir nem falar sobre sexo,

nesta ordem, crianças não tem sexo, como forma de controle e repressão sobre elas. Tanto é que podemos observar que na maioria das escolas não é falado sobre sexo com os estudantes e nem na nossa educação na infância não era comum esse assunto.

A Idade da Repressão no século XIX segundo Foucault (1988) é uma repressão moderna do sexo, em que este é fácil ser dominado, é um momento político e histórico sobre o sexo. A sexualidade, portanto é construída num contexto histórico-político, nos ramos da conduta, subserviência e controle.

Sobre sexualidade, Foucault explica o que é difundido como “normal” ou “desviante”, pois nosso corpo foi induzido a preceitos morais, ao vigor físico para uma normalidade do corpo social, e neste contexto padroniza-se o corpo, “[...] elimina[ndo] os portadores de taras, os degenerados e as populações abastadas.” (FOUCAULT, 1988, pp. 61-62).

Falando em sexualidade está o sexo. Para Foucault, o sexo depende da sexualidade, como a sexualidade é uma construção histórica, esta suscitou do sexo como um elemento especulativo necessário ao seu funcionamento.

O sexo é o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres. (FOUCAULT, 1988, p. 169).

A sexualidade é a forma em que os sujeitos expressam seus desejos e seus prazeres, por isso não pode ser interpretada como um dado biológico é construída pela identidade de cada sujeito masculino ou feminino por suas peculiaridades individuais que podem ser homossexuais, heterossexuais ou bissexuais. “[...] tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.” (LOURO, 1997, p. 27).

1.3. Gênero e Sexualidade na Educação Física Escolar

Sobre gênero e sexualidade no contexto da Educação Física vários/as autores/as são citados nos textos estudados são eles/elas: Zuzzi e Knijnik (2010); Brah (2006); Goellner (2003); Scott (1995); Stanley (1995); Uchoga, Prodócimo (2008); Thorne (1993); Carvalho (2001); Finco (2008); Kehl (1996); Rosa (1969); Connel (1992); Louro (2004); Nicholson

(2000); Meyer (2004); Altmann (1998); Uchoga (2008); Dornelles (2011); Gawryszewski (2006); Oliveira (2006); Pinheiro (2007); Marques, Moreira (2007); Mariano, Marcellino (2008); Starepravo (2008); Grugeon (1995); César, Pardo (2011).

A história da Educação Física desde a sua origem teve sempre o respaldo da classe dominante de acordo com as transformações sociais ocorridas em nosso país. Constituída como um dos alicerces para a segurança nacional sob a égide do militarismo é um mecanismo para a formação dos indivíduos na sociedade, formação esta consubstanciada para o controle da população.

A Educação Física nas escolas foi embutida com o intuito de formar corpos disciplinados para o bom comportamento e para a boa saúde, no contexto capitalista que exigia indivíduos obedientes. Na questão de gênero, o papel da classificação biológica do sexo masculino e feminino foi atribuído à Educação Física, considerando o sexo masculino superior ao sexo feminino, por causa das capacidades físicas diferentes (LOURO, 1997) e nas atividades físicas separavam as meninas dos meninos. A Educação Física, portanto favoreceu o fortalecimento da ideia de desigualdades de gênero. Em estudos sobre a Educação Física no Brasil, as mulheres eram consideradas incapazes de realizar atividades físicas mais pesadas e o seu papel era cuidar das crianças e do lar.

O enquadramento da mulher como “mulher mãe”, “esposa”, “dona de casa”, fundamentava-se em descobertas científicas que imputavam à “natureza”, e não à sociedade, as diferenças entre homens e mulheres em relação ao espaço que ambos poderiam ocupar na produção. O espaço da mulher seria o lar, pois esta era uma exigência da produção. O que se cria em torno dela e sobre ela tem a função precípua de preservar a capacidade de trabalho da classe operária e fazer da mulher um indivíduo capaz de veicular valores e de internalizar e disseminar práticas higiênicas moralizadoras. (SOARES, 1994, p. 37-38).

O higienismo no Brasil conseguiu impor na família aspectos sociais através da Educação Física, a moral, a intelectualidade e a sexualidade inspiradas nos preceitos sanitários da época. Assim, a higiene enquanto alterava o perfil sanitário da família, modificava também sua feição social.

Aquele ideário colocado em prática pela Higiene separa os corpos, designando para cada um deles lugares específicos, quer seja na sua casa (na qual, deve viver apenas a família, devendo estar fechado aos “outros”), na fábrica, na escola, e na própria cidade onde se vive. (SOARES, 1994, p. 121).

Nesse mecanismo obtinha-se também a eugenia, caracterizada na busca de forças físicas e morais, onde no seio social centralizava a mulher na figura dissociada da figura de mãe e que é visualizada como algo natural que nasceu para procriar devido às suas

características biológicas. Neste sentido o sexo masculino enaltece sua superioridade, “[...] tal superioridade calcada essencialmente em determinantes sócio-culturais e não bio-fisiológicos [...]” (CASTELLANI FILHO, 1994, p. 59).

Em nossa sociedade o corpo é produzido, delimitado, devendo seguir regras de comportamento e beleza. Deve estar pronto para o trabalho e ter saúde, de forma metódica e disciplinar, com atividade física, boa vestimenta, boa aparência, etc. Neste sentido, o corpo é o sustentáculo do poder dominante.

O corpo é moldado por padrões científicos biológicos, colocando-o como modelo universal de diferenças entre os sexos, em que as capacidades físicas das mulheres são consideradas inferiores à dos homens. Todavia, o corpo é *construção cultural* observado e manipulado para seguir regras estabelecidas no contexto social. A ciência do século XIX instituiu a educação do corpo para ser útil e produtivo e a escola um espaço para isso. O corpo segue padrões de beleza tanto para homens como para mulheres.

A escola é ainda um espaço de dominação que oculta poderes que propiciam a domesticação dos indivíduos, com regras que educam os cidadãos de acordo com as normas estabelecidas pelo poder dominante. Com isto a escola é a “fabricação de sujeitos, ela é a técnica de poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.” (LOURO, 1997, p. 62).

Neste sentido a Educação Física na escola serviu para controlar os corpos de acordo com os preceitos dominantes, assim as atividades físicas propostas na época era de formar indivíduos aptos para as mudanças sociais do país. Com isso exercícios físicos pesados para os homens para a defesa do país e exercícios suaves para as mulheres para uma gestação suave. Desde então, os sexos foram separados nas práticas esportivas. Essas heranças até hoje estão impregnadas nesta disciplina escolar.

Assim a Educação Física é um palco que representa as questões de gênero e sexualidade nas relações entre meninos e meninas nas aulas. Por ser a disciplina escolar que trabalha diretamente com o corpo é observável que mesmo sem a intervenção de professores/as para definir o que é para ser praticado, os meninos ou as meninas automaticamente se separam para praticar atividades onde, comumente, os meninos escolhem o futebol e as meninas escolhem pular corda ou pular amarelinha. Quando professores/as delimitam as atividades a serem trabalhadas há rejeições dos meninos e das meninas nas aulas, quando é para todos/as pularem corda ou pular amarelinha, eles na maioria se negam a

praticar afirmando que não gostam desse tipo de atividade e só gostam de futebol, ou dizem “é coisa de menina” e elas geralmente se negam a praticar futebol.

O conceito de gênero ligado a Educação Física, deve ser compreendido da seguinte forma:

O conceito de gênero aparece na qualidade de categoria de análise na ciência em contraposição ao determinismo biológico, o qual considera a mulher inferior ao homem. As diferenças próprias da anatomia sexual dos corpos foram, historicamente, se constituindo em justificativas para os atributos que “naturalizam” desigualdades, obscurecendo sua grande parcela de construção histórica, social e cultural. (KNIJNIK; ZUZZI, 2010, p. 61-62).

A Educação Física foi criada no foco das ciências biológicas, por isso constituiu desde cedo segregação de gênero e a limitação das mulheres nas práticas esportivas. Até hoje essa construção do sexo feminino ser considerado sexo “frágil” afeta as crianças, que desde cedo meninos acreditam ser mais forte que as meninas e elas se colocam incapazes de realizar certas atividades que eles realizam.

Percebemos que dos homens espera-se a “masculinidade” e das mulheres a “fragilidade” e a Educação Física escolar muitas vezes ainda é exemplo desses estereótipos de gênero em suas aulas, propondo atividades diferenciadas para meninos e meninas. (KNIJNIK; ZUZZI, 2010, p. 66).

Mas essas diferenças estereotipadas já vêm da educação familiar em que pai e mãe determinam o que o filho ou filha podem praticar. Meninos geralmente vão para escolas de futebol, e as meninas vão para o balé. Portanto pai e mãe desde muitas gerações trazem essas diferenças de gênero definidas pelo corpo, do que podem ou do que não podem fazer o seu filho ou sua filha. Nas aulas de Educação Física o menino que não joga futebol e está sempre na companhia das meninas é tachado de “bichinha”, a menina que joga bola com os meninos é tachada de “mulher macho”. Por isto, vemos como são impostas regras de comportamento perante os sexos.

Com isso, muitos pais e mães preferem que seus filhos e filhas deixem de ampliar seu repertório motor a ter que se sujeitar a comportamentos “não tradicionais”. Dessa maneira, os corpos das crianças em aulas de Educação Física escolar continuam a ser objetos de manipulação. (KNIJNIK; ZUZZI, 2010, p.67).

Nesse contexto, as *aulas coeducativas* é uma maneira diferente de abordar metodologicamente as questões de gênero nas aulas. *Coeducação* não é o mesmo que aulas mistas, pois estas são a junção dos dois sexos nas aulas, por vezes com atividades diferenciadas.

A aula coeducativa segundo Costa e Silva (2002, p. 48), considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que a escola mista não possui o mesmo significado da escola coeducativa. Neste sentido, para esclarecer os

caminhos da coeducação em Educação Física, convém analisar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo. (KNIJNIK; ZUZZI, 2010, p. 67-68).

Neste estudo sobre gênero e também sobre sexualidade é possível desconstruir os padrões existentes entre o sexo feminino e masculino como forma de superioridade dos meninos acima das meninas causando desconforto para ambos. As questões de gênero e sexualidade devem ser trabalhadas nas escolas como forma de reduzir o preconceito e a discriminação que tanto vivenciamos na nossa sociedade e que causa violência.

Dessa maneira, estudar as relações de gênero e de sexualidade se torna primordial para começarmos a perceber o verdadeiro sentido e o significado de se ser homem ou mulher em nossa sociedade, ou melhor, compreender a corporeidade masculina e feminina em sua complexidade, não se limitando a fatores biofisiológicos, a diferenças anatômicas, a rótulos de “masculinidades e fragilidades.” (KNIJNIK; ZUZZI, 2010, p. 69).

CAPÍTULO 2 - CARACTERÍSTICAS DOS TRABALHOS QUE TRATAM DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS DE 2011 A 2013

Este capítulo tem por objetivo contextualizar e caracterizar os trabalhos que foram selecionados na pesquisa. Esta contextualização está relacionada a informações sobre: títulos dos trabalhos; ano de publicação; local de veiculação; autores; instituições; sexo; titulação dos autores; tipos de pesquisas realizadas; temas abordados etc. Os dados tratados aqui, podem também serem visualizados nas Fichas de leitura, no Apêndice 1.

Desenvolvemos análise qualitativa e quantitativa dos dados.

A curiosidade científica esteve presente ao tentar compreender como está a Educação Física nos últimos quase três anos no que concerne aos conceitos, problematização e tematização de gênero e sexualidade. Neste trabalho foram pesquisadas uma dissertação e seis artigos que, nas tabelas abaixo, serão apresentadas as particularidades de cada trabalho.

Tabela 1. Dissertações e artigos com os termos gênero ou sexualidade no período 2011 a 2013.

AUTOR/A	TÍTULO	TIPO	ANO	INSTITUIÇÃO
CONSTANCIO, Ana Aparecida Esperdião	Gênero e Educação Física: repercussões da política educacional – 2007-2010 em Santa Cruz do Sul	Dissertação	2011	UFPeI-RS Dissertação através da CAPES
SILVEIRA, et al, Teixeira Silveira	Escola de Formação de “professoras”: As relações de gênero no currículo superior de Educação Física	Artigo	2011	UFSC ESEF/UFPeI UFPR .Revista Brasileira de Ciências do

				Esporte – não consta a universidade na qual foi publicada.
DORNELLES, Priscila Gomes.	Marca de gênero na Educação Física Escolar: A separação de meninas e meninos em foco.	Artigo	2011	UFRB . Revista Motrivivência – não consta a universidade na qual foi publicada.
MONTEIRO, Renata; MOURÃO, Ludmila; VOTRE, Sebastião	Produção científica sobre políticas públicas para a Educação Física: abordagem sobre gênero e raça.	Artigo	2012	UEM . Revista Educação Física/UEM
ALTMANN, Helena; MARIANO, Mariana; UCHOGA, Liane Aparecida Roveran.	Corpo e Movimento: produzindo diferenças de gênero na Educação Infantil	Artigo	2012	UFG . Revista Pensar a Prática/UFG

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, D. E.	As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar	Artigo	2013	ESEF/UFRS .Revista Brasileira Educação Física e Esporte
---	---	--------	------	--

A tabela 1 corresponde aos trabalhos selecionados no período de 2011 a 2013, nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física e nos periódicos científicos.

Observa-se que, na consulta realizada nas dissertações de mestrado dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física, apenas uma foi selecionada. Esta dissertação aborda as mudanças ocorridas nas aulas de Educação Física por meio de Políticas Educacionais e foi produzida no PPGEF da UFPel/RS. Nesta dissertação não é problematizada a questão sobre sexualidade.

Em cinco, dos oito periódicos científicos pesquisados, foram selecionados cinco artigos científicos: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2011), Revista Educação Física (2012), Revista Brasileira Educação Física Esporte (2013), Motrivência (2011) e Revista Pensar a Prática (2012)

Os periódicos que não tiveram os temas sobre gênero e sexualidade no título, no período de 2011 a 2013, foram: Revista Movimento (UFRGS), Revista Motriz (UNESP-Rio Claro/SP) e a Revista Ciência e Movimento (UCB).

O primeiro artigo respectivo da tabela, (Silveira et al) é da Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Neste artigo, autoras/es de origem institucional diferentes, analisam as questões de gênero no currículo superior de formação de professoras de Educação Física na UFPel/UFRS, nas décadas de 1970 e 1980.

O segundo artigo é da Revista Motrivivência, que tem por autora uma professora da UFRB/BA. Neste artigo retrata-se gênero na Educação Física Escolar na separação de meninas e meninos.

O terceiro artigo, publicado na Revista Educação Física (UEM), no primeiro trimestre de 2012, faz uma abordagem sobre gênero e raça no contexto das Políticas Públicas a partir das produções científicas no Brasil.

O quarto artigo, da Revista Pensar a Prática (UFG), publicada em abril/junho de 2012, relata sobre corpo e movimento nas diferenças de gênero na Educação Infantil.

O quinto artigo, publicado em 2013 na Revista Brasileira Educação Física e Esporte (SP), desenvolveu um estudo sobre as (re) construções de gênero no recreio escolar.

Tabela 2. Relação nome-sexo dos autores e formação.

NOME	SEXO	TITULAÇÃO/FORMAÇÃO
Ana Aparecida Esperdião Constancio	Feminino	Mestre de Pós-Graduação em Educação Física/UFPeI
Ileana Wenez	Feminino	Não informado*
Dagmar Estermann Meyer	Feminino	Não informado*
Viviane Teixeira Silveira	Feminino	Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas na UFSC/Florianópolis
Maria Rita de Assis César	Feminino	Doutora, Professora do Setor de Educação da UFPR
Eliane Ribeiro Pardo	Feminino	Doutora em Educação na UFRGS e Professora associada da UFPel.
Renata Monteiro	Feminino	Mestranda do curso de Pós- Graduação <i>stricto sensu</i> em Educação da UGF/RJ.
Ludmila Mourão	Feminino	Doutora e professora do curso de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em EF na UFJF
Priscila Gomes Dornelles	Feminino	Doutoranda, Professora nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e EF na UFRB/BA

Helena Altmann	Feminino	*Não informado
Mariana Mariano	Feminino	*Não informado
Liane A. Roveran Uchoga	Feminino	*Não informado
Sebastião Votre	Masculino	Doutor, Professor do curso de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em EF na UFGF/RJ
Luiz Carlos Rigo	Masculino	Doutor, Professor da ESEF/UFPeI
Marco Paulo Stigger	Masculino	*Não informado

* Em um artigo não foi informada a titulação/formação dos autores.

Na tabela 2, estão os nomes de todas/os autoras/es dos trabalhos em análise nesta monografia, totalizando 15. Destes 15, 12 são mulheres e três são homens.

No que se refere à titulação, observa-se que há uma mestra e uma mestranda. Três doutoras, dois doutores e duas doutorandas. Não foi possível obter informações de quatro mulheres e um homem, pois isto não foi informado nos artigos.

Nesta pesquisa, a maioria são autoras. Consideramos que isto pode ter relação com o movimento feminista e a inserção da mulher também no âmbito do ensino superior. A luta das mulheres pelos seus direitos foi um marco na história da sociedade atual, que a partir de então conseguiram espaços na sociedade que não tinham. Mesmo assim na sociedade ainda há heranças dessa cultura dominada pelos homens, podemos observar a violência doméstica que diariamente acontece nos noticiários televisivos, o homem violentar a mulher por não aceitar as decisões dela. Com a luta da mulher, uma conquista recente foi a Delegacia da Mulher dirigida por mulheres delegadas. Outro exemplo, a presidente do Brasil, uma das primeiras mulheres presidentes na América Latina, ou seja, uma conquista significativa. Ademais, quanto aos nossos dados em particular, o fato de verificarmos muitas mulheres como autoras de pesquisas desenvolvidas no ensino superior podem indicar que as tarefas relativas à maternidade e aos cuidados com a casa não têm sobreposto à atividade profissional.

Tabela 3. Temas encontrados nos trabalhos que apresentaram os termos gênero e sexualidade no título.

<p>A. Tema relacionado a gênero/sexualidade e currículo: 1 trabalho</p> <p>Relações de gênero no currículo da ESEF/UFPEL no processo de formação de professoras de Educação Física.</p>
<p>B. Tema relacionado a gênero/sexualidade e políticas públicas: 1 trabalho</p> <p>Repercussões da política educacional nas relações de gênero na Educação Física em escolas públicas de Santa Cruz do Sul/RS.</p>
<p>C. Tema relacionado a gênero/sexualidade e produção do conhecimento: 1 trabalho</p> <p>Produção científica sobre políticas públicas direcionadas para gênero e raças.</p>
<p>D. Temas relacionados a gênero/sexualidade e Educação Básica: 3 trabalhos</p> <ul style="list-style-type: none"> . Relações de gênero e sexualidade durante o recreio escolar . Relações de gênero nas aulas de Educação Física na separação de meninas e meninos . Relações de gênero com o corpo e o movimento nas aulas de Educação Física na Educação Infantil

Na tabela 3, podemos observar quais as temáticas encontradas nos trabalhos selecionados: currículo, políticas públicas, produção do conhecimento, Educação Básica.

No tema relacionado a gênero/sexualidade e currículo, as/os autoras/es pesquisaram a Universidade Federal de Pelotas/UFPel com as descrições sobre a implantação da Escola Superior de Educação Física/ESEF em 1969, com a criação da lei federal colocando a Educação Física como prática obrigatória em todos o níveis de ensino, devido as reivindicações para abrir o curso Superior de Educação Física pela falta de professores/as nessa área.

Em novembro de 1971 saiu o primeiro edital do concurso de títulos para o contrato de Auxiliares de Ensino em diversas disciplinas na ESEF/UFPel. Os/as candidatos/as de Educação Física foram selecionados/as da seguinte forma:

“[...] nas disciplinas de Biometria, Socorros de Urgência, Ginástica com peso e halteres, futebol de campo e futebol de salão, foram selecionados somente candidatos homens. Já nas disciplinas de Ginástica Rítmica e Recreação, foram selecionadas mulheres e, para as disciplinas práticas, como o voleibol, o basquetebol, o atletismo e a ginástica, foram selecionados dois professores, um de cada sexo, para trabalhar respectivamente com a turma masculina feminina.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 862).

Mesmo sendo a maioria mulheres entrando no curso de licenciatura de Educação Física, essa separação de masculino e feminino nas disciplinas demonstra, desde o início no curso, certa segregação por gênero no corpo docente. A maioria mulheres nessa área se deve a formação delas no curso de magistério, considerado como uma profissão feminina que desde o início ligado à maternidade. A profissionalização do magistério incentivou a supremacia das mulheres no campo acadêmico na década de 70, com a mudança de figura materna para profissionais do ensino.

A demanda da procura do curso superior de Educação Física pelas mulheres teve seus motivos, devido à obrigatoriedade da Educação Física curricular para cinquenta mil estudantes no município de Pelotas, a maioria eram mulheres; e também pelo fato do curso de Educação Física estar relacionado “[...] a fatores políticos e sociais transversais, como foi o processo da “feminização do magistério” (LOURO, 1997b, p. 449; SILVEIRA et al. 2011, p. 864).

As reivindicações de professores para que homens não ministrassem aulas para mulheres e vice-versa refletia o contexto da época com os valores hegemônicos da sociedade que era um desconforto moral para homens ministrarem aulas para mulheres. Nessa reivindicação surgiu a tendência voltada para a “maximização das diferenças” dando continuidade a supremacia dos homens.

“No caso deste estudo específico, é interessante observar como o acesso das mulheres ao curso Superior de Educação Física da UFPel, em parte, foi justificado por uma intolerância, ou seja, pela impertinência de professores homens ministrarem aulas de Educação Física às mulheres, que haviam adentrado a escola e que começavam a fazer ruído no modelo masculino hegemônico, mas já não havia mais como ignorá-las.” (SILVEIRA et al. 2011, p. 865).

O currículo da Educação Física nesse contexto de mudança reforçou as diferenças sexuais como também as diferenças corporais e sociais. Se dentro da universidade há a maximização da superioridade do sexo masculino sobre o feminino isso é transplantado nas escolas por essa formação universitária de professores. Assim o currículo também é um mecanismo para salvaguardar a permanência da hegemonia masculina dominante através da Educação Física, no currículo é engendrada a “maximização das diferenças”, mesmo com as aulas mistas e as mudanças ocorridas com a luta das feministas, os tempos são outros, mas mesmo assim, ainda permanecem resquícios do passado sobre a questão de gênero.

O segundo tema foi produzido a partir de uma pesquisa de mestrado, que retrata as políticas públicas relacionadas a gênero na cidade de Santa Cruz do Sul/RS e entorno com a mudança de governo na política educacional gestão de 2007-2010 e os efeitos causados por essa nova administração.

Os principais resultados dessa pesquisa é que no governo de Yêda Crucius, ocorreram novas mudanças na educação, especificamente na Educação Física, passando para esta as aulas mistas de alunos e alunas, que até então eram separadas. A reforma implantada foi de cunho de políticas neoliberais que exigiu mudanças na educação, inclusive a adequação de turmas mistas, com propostas que assegurassem o bem de todos, mas que na verdade não foi concretizado, piorando a estrutura e a qualidade do ensino.

Os/as professores/as não foram questionados sobre as mudanças, se eram favoráveis ou não, por isso ocorreu protestos através de movimentos coletivos contra as reformas. A “enturmação” de alunos/as, ou seja, a junção de turmas ou de gênero causada pela dita reforma gerou dificuldades no aprendizado dos/as estudantes, segundo relato de professora devido o aumento do número de alunos/as em uma só turma.

A intervenção do governo Yeda Crucius na unificação de turmas como forma de promover a igualdade de oportunidades para meninos e meninas nas aulas de Educação Física, não passou de um discurso político para reduzir os custos voltados à educação sem nenhuma reunião pedagógica com professores/as.

Assim, as questões de gênero não foram discutidas, não houve realização de cursos de formação com o apoio pedagógico constante para a implantação das turmas mistas. Turmas unificadas trariam menos gastos para o governo, menos contratados e mais remanejamento de professores.

A primeira vista, poderíamos pensar que esta unificação seria favorável a “enturmação” de alunos e alunas, mas que na verdade, nas circunstâncias ocorridas, foi inviável devido a falta de preparação de educadores e do espaço físico e sem o consentimento de ninguém, sendo a questão de gênero nem um pouco discutida e trabalhada, acarretando o fracasso escolar de questões importantes que não foram discutidas, inclusive gênero. “As mudanças devem ser debatidas e ampliadas de maneira que venham permitir a flexibilização dos moldes sociais e culturais instituídos.” (CONSTANCIO, 2011, p. 75).

O terceiro tema – produção científica sobre políticas públicas direcionadas à gênero e raça – demonstrou que são poucas as pesquisas sobre o tema. Os principais assuntos

na produção científica sobre políticas (2003-2005) lazer (44% nos artigos sobre políticas públicas), deficiente (com 20%), urbanismo (16%), educação (12%) e trabalho (8%).

Em 2006 houve uma queda nas publicações, mas que logo se recuperou e foi o período de exame e reformulação das políticas públicas, envolvendo os setores de educação, raça, lazer e gênero. Nesse período de 2006 é que aparecem os primeiros estudos que envolvem gênero e raça nos temas das políticas públicas. Os principais assuntos dos artigos sobre políticas públicas nos anos de 2006, 2007 e 2008 foram os de educação, que alcançou 47%; os de lazer, com 32%, os de gênero com 11%; e o de raça, com 10%.

Nos anos de 2009 e 2010 houve um novo crescimento na produção acadêmica sobre políticas públicas, que correspondeu ao período de maior crescimento na produção científica, com 90% de estudos empíricos e 10% de revisão, períodos com maior número de estudos empíricos nos assuntos abordados sobre diversidade, com 75% dos estudos relacionados aos impactos das políticas públicas nos setores de lazer, educação, gênero e raça, contribuindo com o aperfeiçoamento e melhores significados para os seus beneficiados. Os outros 25% auxiliou na implantação de novas políticas públicas nos setores da discriminação, do gênero, da saúde, do urbanismo e na educação, sendo esta ocupando mais espaço nos debates das políticas públicas. A educação com 40%; o lazer com 32%; a saúde, 12%; a discriminação com 4%; gênero com 4%; o urbanismo, 4%; e raça com 4%. Estes dados são referentes às temáticas de discussão nos estudos sobre políticas públicas de 2009 e 2010.

No tocante ao campo da educação, relacionada a estes dados anteriores, especificamente a Educação Física, a pesquisa realizada, aponta que esse campo “está distante do setor produtivo em ciência e tecnologia, precisando ser envolvida em projetos de inovação e desenvolvimento.” (MOTTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012, p. 147). Referente às questões de gênero, os estudos das políticas públicas, “discutem temas como a violência física, psicológica e sexual sofrida por mulheres e a desigualdade dos arranjos familiares brasileiros e das oportunidades de acesso a programas de esporte e lazer [...]” (MONTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012, p. 148).

Outro tema, relacionado ao campo da Educação Física, é a questão racial. Segundo esta pesquisa, nos artigos sobre políticas públicas, os debates são ligados à implantação das políticas afirmativas de cotas. Sendo, portanto, necessário um estudo mais aprofundado sobre as propostas das políticas afirmativas que envolvem também a questão da mulher e de homossexuais, pois “foram criadas com a finalidade de promover tratamento

diferenciado e preferencial, o que nos remete a pensar em desigualdade.” (MONTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012, 149). Portanto, os temas ligados a gênero e raça:

“Os dados encontrados indicam que, na produção acadêmica sobre PPS [políticas públicas] que levam em consideração as categorias gênero e raça, estas não têm sido abordadas no tocante às atividades físico-esportivas e ao lazer. Os resultados demonstram que as categorias analisadas vêm representando preocupação dos pesquisadores nas ciências humanas e sociais, mesmo ainda que tímida, se comparada às necessidades de desenvolvimento e avanço no âmbito das PPs no Brasil.” (MONTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012, p. 149, colchetes nossos).

O tema relacionado a gênero/sexualidade e Educação Básica foi o que mais agregou trabalhos, totalizando três.

Uma das pesquisas, com observação no recreio escolar, apresenta como resultado que a questão de masculinidade e feminilidade é constituída de forma homogênea, aparentemente, mas na verdade, existe uma divisão diferenciada, os meninos ocupam um espaço para jogar futebol que comumente não é utilizado pelas meninas, e o espaço das meninas que geralmente é ao redor do pátio pulando corda ou jogando amarelinha impera a presença das meninas, e geralmente quando os meninos aparecem nesse espaço é para perturbar as meninas.

O recreio, que é visto como um espaço de liberdade, em que as crianças ficam a vontade; na verdade é uma rede em que a masculinidade e a feminilidade têm seus próprios espaços. Nesse ambiente “livre” nem todas as crianças fazem o que querem ou o que gostam, não brincam todas juntas e nem brincam em todo o espaço e nem no espaço que gostariam de brincar. Há demarcação de espaços, onde cada grupo deve ficar. Os espaços do recreio são “disputados, negociados ou demarcados.” (WENETZ, STIGGER, MEYER, 2013, p. 126).

O outro trabalho sobre o tema trata da separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Os resultados encontrados indicam que a masculinidade é ativa e a feminilidade é passiva, como também em outras dimensões do social. Os/as professores/as utilizam várias expressões para diversas situações:

“[...] para descrever os meninos: potência, força, velocidade, ação, energia, movimento, agressividade, ‘cavalões’, mobilidade, se movimentam com mais facilidade, rapidez, mais duros e diretos, raiva, agressividade, competitivos. Já as meninas, as expressões incluem: tem menos habilidade, são lentas, lerdas, não acompanham, têm que ter paciência, meigas, calmas, delicadas, comedidas, menos energia e força.” (DORNELLES, 2011, p. 24).

Essas expressões empregadas para definir características naturais aos meninos e meninas operam no meio escolar como verdade para os/as professores/as e fortalece a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. A crítica que se fez, é que

ações assim são consideradas necessárias para uma educação adequada as diferenças de gênero. Neste caso, “[...] os/as professores/as deixam de contextualizar que as identidades são construções culturais.” (DORNELLES, 2011, p. 25).

O conceito de gênero, portanto, como categoria teórico-analítica permite decifrar o porquê da separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Desse modo, a escola e a Educação Física são ferramentas para instituir padrões hierárquicos e “normais” nas relações de gênero:

“Ao discutir que a escola e a disciplina de Educação Física legitimam formas de ser menino e de ser menina, entendo que esse processo de significação produz hierarquias e desigualdades.” (DORNELLES, 2011, p. 27).

O último trabalho vinculado ao tema gênero e Educação Básica, estudou crianças do maternal e crianças de quatro a cinco anos em duas instituições de Educação Infantil, o Cemei (Centro Municipal de Educação Infantil) e o CEI (Centros de Educação Infantil). Foi observado que na Educação Infantil, não é permitido que as crianças se movimentem com liberdade em todos os espaços. A movimentação é permitida apenas no parque e na Educação Física. Existem normas e regras em relação ao que é e ao que não é permitido e proibido realizar em cada um dos espaços.

As brincadeiras de meninos e meninas eram bem separadas, e um grupo respeitava o espaço do outro sem questionar. Brincar de atividades próprias do gênero oposto geralmente não era permitido pelas crianças. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.293).

As crianças que transgridem o limite movimentam-se mais tendo maiores chances de aprendizagem. Isso é significativo nos meninos que costumam não seguir regras. Quanto às meninas que são consideradas tranquilas, a estratégia é outra, pois professoras julgam positivo esse tipo de comportamento, já que a tranquilidade traz bom desempenho acadêmico. São observados comportamentos diferentes entre meninos e meninas em relação às regras da escola e as regras já vindas de fora através da bagagem cultural que as crianças trazem do convívio social.

Em relação às questões de gênero são observadas as distinções relacionadas às expressões da professora perante os meninos e as meninas, como, por exemplo, “Queima elas! Vocês vão ganhar!” relacionado aos meninos. “Será que vocês conseguem queimar alguém?” relacionado às meninas. Mesmo as meninas e os meninos realizando a mesma prática corporal o resultado era diferente para o gênero masculino e feminino.

As expressões, que aparentemente soam como formas de incentivo, têm tons e ênfases distintos quando olhados sob a perspectiva de gênero. As falas dirigidas a elas enfatizam aspectos negativos e a falta de habilidade corporal das meninas, enquanto que quando dirigidas a eles, o incentivo ocorre de maneira positiva. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.293).

Na pesquisa realizada no CEI (Centro Educacional Infantil) houve mais harmonia nas relações de gênero de meninas e meninos. Nas aulas de Educação Física foram trabalhados os grupos mistos não havendo distinção de meninos e meninas e nem divergências em torno do resultado das atividades. As expressões usadas comumente para ambos era de incentivo como: “Vamos! Acerta ela! (ou ele)”, e o professor se dirigia a eles/elas dizendo “crianças” e não alunos/as. O professor não praticava esportes com as crianças, porque esta atividade induz a “construção das diferenças de gênero associadas à Educação Física” (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.296). Neste caso, por outro lado, é observado que “as pesquisas desenvolvidas indicam que atitudes docentes de não segregação de meninos e meninas nas aulas contribuem para diminuir desigualdades de gênero.” (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.295).

Os/as autores/as indicam que na formação de crianças é importante salientar as questões de gênero como intervenção na prática pedagógica que oriente não de forma desigual.

Tabela 4. Relação tema, tipo de pesquisa e técnica de coleta de dados identificados nos trabalhos selecionados.

TEMA	TIPO DE PESQUISA	TÉCNICA DE COLETA DE DADOS
A. gênero/sexualidade e currículo	História oral	Fontes escritas do acervo da ESEF/UFPEL e depoimentos orais
B. gênero/sexualidade e políticas públicas	Não estabelece o tipo de pesquisa, apenas afirma que será qualitativa	Pesquisa semiestruturada e análise de documentos
C. gênero/sexualidade e a produção do conhecimento	Não informa, mas considera como pesquisa bibliográfica	Pesquisa de produção acadêmica de Políticas Públicas da última década

		(2001-2010)
D. gênero/sexualidade e Educação Básica	. Estudos do tipo etnográfico . Questionários e entrevistas	. Observação no recreio escolar e entrevistas informais com crianças . Questionários e entrevistas com professor/a de Educação Física

Entre os trabalhos pesquisados no contexto de gênero/sexualidade, um tipo de pesquisa histórico oral, uma pesquisa qualitativa, outra que informa ser bibliográfica e duas com estudos etnográficos. As técnicas de coleta de dados foram entrevistas, questionários, observação, acervos documentais.

Quadro 1. Relação quantitativa dos autores que fundamentam o debate em torno de gênero nos trabalhos selecionados.

AUTOR	OCORRÊNCIA NOS TRABALHOS
LOURO, Guacira Lopes	É citada em 4 trabalhos
GOELLNER, Silvana Vilodre	É citada em 4 trabalhos
SCOTT, J.	É citada em 3 trabalhos
BUTHER, Judith	É citada em 2 trabalhos
JOANA, M.	É citada em 1 trabalho
MAYER, Dagmar E.	É citada em 3 trabalhos
PETERSON, Áurea T.	É citada em 1 trabalho
FERREIRA, José L.	É citado em 1 trabalho
DUQUE-ARRAZOLA, Laura S.	É citada em 2 trabalhos
HÉRITIER-AUGÉ, F.	É citada/o em 1 trabalho
KEHL, M. R.	É citada/o em 1 trabalho
ALTMANN, H.	É citada em 1 trabalho
CRUZ, T.	É citada/o em 1 trabalho
NICCHOLSON, L.	É citada/o em 2 trabalhos

THORNE, B.	É citado/ em 2 trabalhos
GRUGEON, E.	É citado/a em 1 trabalhos
DEVIDE, F.	É citado/a em 1 trabalho
FONTOURA, N.	É citadoda/ em 1 trabalho
GALIZA, M.	É citado/a em 1 trabalho
MOURA, D.	É citado/a em 1 trabalho
NASCIMENTO, R.	É citado/a em 1 trabalho
PARENTE, E.	É citado/a em 1 trabalho
PINHEIRO, L.	É citado/a em 1 trabalho
RIBEIRO, M.	É citado/a em 2 trabalhos
VIANNA, A.	É citado/a em 1 trabalho
UNBEHAUM, S.	É citada/a em 1 trabalho
BHAH, A.	É citado/a em 1 trabalho
CARVALHO, M.P.	É citado/a em 1 trabalho
CARVALHO, Bob.	É citado/a em 1 trabalho
FARIA, N., NOBRE, M.	É citado/a em 1 trabalho
FINCO, D.	É citado/a em 1 trabalho
WALDERDINE, V.	É citado/a em 1 trabalho

No Quadro 1 é citado a quantidade de vezes que foram referenciados os/as autores/as que fundamentam o debate sobre gênero nos seis trabalhos selecionados. Duas autoras estão citadas em quatro trabalhos, Guacira Lopes Louro e Silvana Vilodre Goellner. Dois/as autores/as estão citadas em três trabalhos, Joan Sott e Dagmar E. Mayer. Cinco autores/as estão citados em dois trabalhos, Judith Buther, Laura S. Duque-Arazola, Linda Nicholson, B. Thorne e M. Ribeiro. e, 23 autores/as cada um/a deles/as estão citados/as em um dos trabalhos, M. Joana, Áurea T. Peterson, José L. Ferreira, F. Héritier-Augé, M.R. Kehl, H. Altmann, T. Cruz, E. Grugeon, F. Devidé, N. Fontoura, M. Galiza, D. Moura, R. Nascimento, E. Parente, L. Pinheiro, A. Vianna, S. Unbehaum, A. Bhah, M. P. Carvalho, Bob Carvalho, N. Faria, M. Nobre, D. Finco e V. Walderdine.

Quadro 2. Relação quantitativa dos autores que fundamentam o debate em torno de sexualidade nos trabalhos selecionados.

AUTOR	OCORRÊNCIA NOS TRABALHOS
FOUCAULT, M.	É citado em 1 trabalho
LOURO, G.	É citado em 2 trabalhos
RAGO, M.	É citado em 1 trabalho

Em torno da sexualidade apenas três autores fundamentam o debate nos trabalhos selecionados. Guacira Louro em dois trabalhos; Michael Foucault em um trabalho e M. Rago em um trabalho.

Nesta pesquisa realizada a questão de gênero é discutida em todos os trabalhos e a sexualidade é discutida em apenas um artigo sendo que nos outros artigos é pouco citado, o que demonstra ser um tema ainda pouco debatido. Destes trabalhos publicados a maioria são de universidades federais e estaduais. Estes trabalhos pesquisados estão todos ligados a educação, isso demonstra que gênero e sexualidade são temas que estão começando a serem discutidos nessa área, principalmente na Educação Física.

CAPÍTULO 3 - OS CONCEITOS DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS DE 2011 A 2013

Neste capítulo serão apresentados de acordo com os trabalhos pesquisados, como são tratados os conceitos de gênero e sexualidade na Educação Física. Para tanto seguiremos a organização dos trabalhos a partir dos temas, conforme apresentado na tabela 3.

No primeiro tema (A) – gênero/sexualidade e *currículo* – apesar de o trabalho investigar gênero no currículo de curso superior de Educação Física, não há conceituação acerca de gênero. Autores/as que discutem gênero são: J. Butler (1998, 2001, 2003); F. Héritier-Augé (1996); M. R. Kehl (1996) e G. Louro (1997a, 1997b, 2001).

Nesse estudo explicita as distintas práticas curriculares constituídas nas relações sociais de gênero em diferentes instituições no curso superior de Educação Física. No currículo as atividades propostas nas aulas de Educação Física Superior são diferentes para os homens e para as mulheres.

A sexualidade não foi categoria no trabalho, portanto não há conceituação. Todavia, menciona o termo uma vez neste trabalho da seguinte forma: “por lidar diretamente com o corpo, a Educação Física é um palco de visibilidade da sexualidade.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 865).

No segundo tema (B) – gênero/sexualidade e *políticas públicas* – não é inserida a categoria sexualidade e sim a categoria gênero. Os/as autores/as que fundamentam a pesquisa sobre gênero são: Goellner (2005); Meyer (2000); Scott (1995); Peterson (1999); Duque-Arazola (1997); Louro (1998). O conceito de gênero é apresentado a partir de Goellner (2005). É compreendido como uma “categoria analítica e política que evidencia as construções sociais e históricas do masculino e feminino” (CONSTANCIO, 2011, p.69).

Portanto, gênero é um conceito que está em todas as esferas sociais e é compartilhado com processos sócio-históricos e culturais. Esta palavra foi concretizada no bojo dos movimentos feministas em que a luta das mulheres engajava que as diferenças comportamentais entre masculino e feminino não dependiam do sexo, mas sim, da cultura de cada povo e de cada época. Como as ciências biológicas padronizaram este estereótipo de homem ser superior a mulher, o conceito de gênero interveio nas situações relativas às diferenças sociais e culturais, dentro de um campo minado no tocante às desigualdades,

discriminação, disparidades sociais, valores, hierarquia, violência, tudo isso imbuído na questão de gênero.

Contudo, nas relações de gênero há a luta das mulheres com o intuito de desconstruir as desigualdades existentes.

Assim, as relações de gênero organizam a desigualdade social entre homens e mulheres, bem como os lugares ou espaços de gênero, com suas valorizações e significações desiguais, ocupações, tarefas e responsabilidades sexuadas. Contudo, se materializa também nas relações de poder, apoiadas em assimetrias, hierarquias, significações desiguais do masculino e do feminino, revestidas de aparente consenso, apesar das contradições, conflitos e resistências que as perpassam. (CONSTANCIO, 2011, p. 70).

De acordo com Constancio (2011), o gênero, no contexto escolar da Educação Física, passa a ser discutido na década de 1980 através dos enfoques pedagógicos nas aulas influenciadas pelos estudos sociais e a separação de meninas e meninos passa a ser questionados. Portanto a prática da Educação Física “se constitui num dos espaços para propiciar manifestações em relação as questões de gênero.” (CONSTANCIO, 2011, p. 75).

No terceiro tema (C) – gênero/sexualidade e *produção do conhecimento* são os/as seguintes autores/as: (PARENTE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2009; PINHEIRO; GALIZA; FONTOURA, 2009; GOELLNER et al., 2010). A pesquisa é sobre as questões de gênero e de raça nas políticas públicas (PPs) da educação e como estão sendo discutidas na produção acadêmica da Educação Física. Os estudos apontados nas PPs em relação a gênero é sobre a violência física, psicológica e sexual sofrida pelas mulheres e a desigualdade de homens e mulheres no contexto familiar além de programas de esporte e lazer para mulheres. Nos gráficos apresentados existem vários temas pesquisados em relação às políticas públicas inclusive a de gênero. Mas sobre esse tema a quantidade de pesquisas demonstra que há um tímido interesse sobre o assunto.

Destacamos quanto os estudos sobre gênero e raça pautam-se em visões de exclusão e inclusão de grupos que ainda carregam a denominação de discriminados e minoritários. Tais grupos reivindicam seus direitos, como se esses direitos fossem legalmente separados entre homens e mulheres e entre brancos e não brancos. (MONTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012).

No quarto tema (D) – gênero/sexualidade e *Educação Básica* - temos três trabalhos. No primeiro a pesquisa é realizada no recreio e não há trechos sobre conceito de gênero e sexualidade. Os/as autores/as que contextualizam gênero na Educação Física são: H. Altmann H (1998); E. Grugeon (1995); G. Louro (2000), L. Nicholson (2000); D. Meyer (2001) e B. Thorne (1997). O que é apresentado são as formas de relação e de

comportamento dos meninos e das meninas no recreio focalizando a realidade e a convivência dessas crianças relacionadas aos temas gênero e sexualidade. O que foi observado no recreio é a ocupação das crianças nos espaços do pátio da escola em que os meninos têm seus espaços e as meninas os espaços delas, “que inclui diferentes maneiras de ocupação e negociação configurando uma geografia de gênero.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 117). É observada também a sexualidade representada no espaço da escola, na qual a heterossexualidade impera e a homossexualidade é restringida. Os espaços do pátio são disputados e negociados entre as crianças e geralmente o que achamos é que elas estão “livres”. O recreio aos nossos olhos é homogêneo onde os meninos e as meninas ocupam seus espaços livremente.

Observar ou mapear as construções sobre o gênero e a sexualidade entendidas como *naturais* para definir um jeito de ser menina e um jeito de ser menino permitem *desnaturalizar* as lógicas subjacentes sobre a construção de masculinidades e feminilidades no recreio, confrontando as representações culturais que, dentre outras coisas, dão sustentação ao nosso próprio fazer pedagógico no espaço escolar. (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 126).

No segundo trabalho é conceituada a questão de gênero e não a de sexualidade, e ambas as categorias são contextualizadas, principalmente a de gênero tematizando esses os assuntos na separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Sobre o conceito de gênero são citados/as vários/as autores/as que são: Scott (1995); Nicholson (2000); Louro (2004) e Meyer (2004).

Na análise da autora o gênero como categoria teórico-analítica no campo da Educação Física, permite-nos perceber como o conceito de gênero é mobilizado nas práticas esportivas separando o sexo feminino e masculino. A escola e a Educação Física, portanto, são mecanismos de legitimar as diferenças, as qualidades, as capacidades entre os sexos, o que os meninos e as meninas podem ou não praticar, os locais que podem ou não ocupar, fortalecendo as desigualdades entre gênero.

Sem a pretensão de criar uma nova oposição ou apresentar uma fórmula correta, coerente e verdadeira de trabalhar com corpo, gênero e sexualidade na escola, ao finalizar este texto, o interessante é instigar a possibilidade de fazermos outras perguntas sobre corpo, gênero e sexualidade com relação à Educação Física escolar separada e mista. “É exercitar o olhar, suspeitar, duvidar de práticas comuns ao cotidiano da disciplina de Educação Física na escola.” (DORNELLES, 2011, p. 27).

A questão de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física é inserida nos modos de viver a feminilidade e a masculinidade que através dos esportes delimita o tipo de prática esportiva para o sexo masculino e o sexo feminino, considerando as meninas frágeis e

os meninos “forçados”. Os meninos que não apresentam força física ou não gostam das práticas esportivas consideradas para meninos não se enquadram no que é considerado “normal”.

Gênero e sexualidade se sobrepõem de forma perigosa, como se ao se definir como homossexual, o aluno deixasse de ser homem. Nessa lógica, a distinção entre gênero e sexualidade nem sempre é demarcada. (DORNELLES, 2011, p. 26).

No terceiro trabalho – gênero/sexualidade nos *Centros de Educação Infantil* conceitua gênero e não conceitua sexualidade. Autores/as que retratam sobre a temática de gênero são: Brah (2006); Geertz (1989); Goellner (2003); Scott (1995); Thorne (1993); Finco (2008); Walderdine (1995); Faria e Nobre (1997); Uchoga e Prodócimo (2008); Altmann (1998); Carvalho (2001) e Connel (1995).

A pesquisa do trabalho foi realizada em instituições de Educação Infantil no Cemei (Centro Municipal de Educação Infantil) na cidade de Campinas em (SP), e não possuía docentes de Educação Física. A segunda pesquisa em dois centros de Educação Infantil (CEI) na cidade de Vinhedo (SP), pesquisas estas realizadas nos anos de 2007 e 2009.

Neste trabalho correlaciona gênero com o corpo e o movimento das crianças fazendo distinção dos movimentos que os meninos e as meninas devem praticar, impondo como natural o corpo em movimento dos meninos diferenciado das meninas. A movimentação no espaço é delimitada, meninas não podem praticar as atividades velozes que os meninos praticam, e os meninos não podem praticar as atividades suaves que as meninas praticam. Isso corresponde à diferença de gênero imposta no comportamento de meninas e meninos. Autores/as que retratam sobre a temática de gênero são: Brah (2006); Geertz (1989); Goellner (2003); Scott (1995); Thorne (1993); Finco (2008); Walderdine (1995); Faria e Nobre (1997); Uchoga e Prodócimo (2008); Altmann (1998); Carvalho (2001) e Connel (1995).

Nesses seis trabalhos pesquisados as concepções de gênero em alguns foram conceituadas e em outros não.

Os trabalhos que conceituaram gênero são os da Ficha 1, 5 e 6 e aprofundam sobre o conceito. O trabalho da Ficha 1 aprofundou mais sobre o conceito de gênero por ser também um trabalho mais extenso na sua forma de fazer (dissertação) diferente dos artigos em que os temas são resumidos. Ambos os trabalhos tem em comum alguns/as autores/as reconhecidos nacionalmente. Nestes três trabalhos da Ficha 1, 5 e 6 a categoria sexualidade não foi trabalhada.

Nas Fichas 2, 3 e 4 não há conceitos sobre gênero e sexualidade. Na Ficha 2 contextualiza gênero sem aprofundar nesta categoria. Nestas três fichas tem autores/as reconhecidos nacionalmente. Na categoria sexualidade não há trechos de conceito/discussões.

Nestes trabalhos pesquisados a Educação Física tem se apropriado da discussão sobre gênero e muito pouco sobre sexualidade. As discussões sobre gênero na Educação Física são relacionadas ao currículo, às políticas públicas, a produção do conhecimento e a Educação Básica, e em todas essas temáticas a Educação Física na categoria gênero reflete a separação do sexo feminino e masculino como natural sendo preciso à separação para se ter um melhor desenvolvimento tanto de meninas como de meninos, quanto a isso a Educação Física ainda é resistente. A Educação Física ainda está resistente sobre a questão de gênero e sexualidade. As pesquisas demonstram que estes conceitos estão carentes nas escolas não havendo conhecimento e discussões sobre isso. Isso decorre da forma de como a Educação Física foi constituída desde sua origem e de sua implantação nas escolas, como petrecho de formalizar os interesses dominantes.

Desde sempre a separação de gênero existiu e foi aceita de forma natural, necessária, equilibrada e a Educação Física foi palco para isso. Mesmo com as lutas que já ocorreram e ocorrem como a luta da mulher pelos seus direitos, no campo da Educação Física escolar ainda é resguardada a separação e os papéis do sexo feminino e masculino. Mesmo tendo professoras na escola que são a favor das lutas feministas pelos seus direitos, talvez ainda haja professoras que não percebem que a escola é um campo que reforça a desigualdade de gênero através das suas próprias aulas, inclusive de Educação Física, que ao ministrá-las é natural a separação dos meninos para jogar bola e as meninas pular corda.

Isto demonstra que as questões de gênero e sexualidade ainda precisam ser bastante trabalhadas na formação de professoras/es, pois estes conceitos não estão só na luta das mulheres pelos seus direitos, estão também sutilmente em todas as esferas sociais, inclusive nas escolas em todas as faixas etárias. Portanto, podemos perceber como é forte a separação de gênero na escola em especial com a Educação Física que trabalha o tempo todo com o corpo e aceita como “natural” os meninos e as meninas fazerem atividades diferentes. Por isso, professoras/es que lutam pelos seus direitos iguais devem trabalhar com seus/as alunos/as as questões de gênero e sexualidade, pois, seria de uma certa forma inútil lutar pelos seus direitos separadas/os da sua própria realidade escolar, e não se conscientizar sobre isso é reforçar a superioridade dos homens sobre as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve a finalidade de verificar como estão os estudos sobre os temas gênero e sexualidade no campo da Educação Física escolar nos períodos de 2011 a 2013 e saber como estão sendo debatidos e inseridos no campo da Educação Física.

No decorrer da história da humanidade podemos observar que as mulheres ocuparam poucos espaços na vida social. Nas áreas políticas, filosóficas, científicas, artísticas, etc., os homens dominavam (dominam) estes espaços enquanto as mulheres ocupavam o espaço doméstico. E com as mudanças sociais que foram ocorrendo ao longo do tempo surgiram novas formas de comportamento nas relações sociais. No final do século XIX mulheres começaram a indignar-se com a subordinação que vivenciavam. Por isso, na luta feminista é que surge o conceito de gênero e de sexualidade que são os temas debatidos nesse trabalho relacionado à Educação Física.

E o interessante é que depois de mais de cem anos, após o surgimento dos conceitos de gênero e sexualidade observa-se a importância deste assunto tão rico e vasto na atualidade.

Nos trabalhos pesquisados todos apresentam gênero e em um apresenta sexualidade relacionados a Educação Física escolar em diferentes histórias e contextos, demonstrando o quanto é diversificado estes temas e o quanto são presentes nas relações sociais da escola precisando serem mais debatidos.

Nas análises destes trabalhos podemos perceber que as questões de gênero estão intrínsecas a Educação Física, sendo a sexualidade pouco abordada. Como o campo da educação é vasto não a de negar que gênero e sexualidade estão presentes o tempo todo ao lidarmos diariamente com alunos e alunas que representam os papéis socialmente aceitos demonstrando as questões de gênero e sexualidade nas atitudes e no comportamento.

De acordo com a pesquisa realizada, verificamos que a Educação Física é um palco nas representações de gênero e sexualidade. Por um lado a Educação Física continua fragmentada, pois a preocupação maior da/do professora/o é com a formação corporal dos/as alunos/as, como base nas suas diferenças sexuais para o desenvolvimento de capacidades físicas, cognitivas, sociais e intelectuais limitadas perante os sexos, promovendo a separação dos meninos e das meninas nas atividades propostas.

Quando se fala em educação, gênero e sexualidade o que primeiro vem à mente, até pela inferência provocada pela palavra *educação*, é o papel da escola e dos educadores nessa questão tão complexa e polêmica. Com isto os temas abordados nos artigos e dissertação sobre gênero e um pouco sobre sexualidade fazem um diagnóstico de como estes conceitos são configurados no espaço da Educação Física escolar.

Como vimos em um dos trabalhos pesquisados a questão de gênero foi ocultada com as mudanças das Políticas Educacionais na mudança de governo, com o surgimento de turmas mistas que a princípio poderíamos pensar ser um fator positivo, mas que na verdade estava repleto de interesses econômicos e destituídos de objetivo acerca da questão de gênero na educação.

Outro trabalho estudado é em relação à criação do curso superior de Educação Física na UFPel nas décadas de 1970 e 1980, e que no currículo incluso havia as diferentes práticas esportivas diferentes para homens e mulheres. E as primeiras turmas a maioria eram mulheres pelo motivo de já terem formação no magistério que era uma profissão predominantemente feminina. Isto demonstra que o fato delas alcançarem esse espaço não quer dizer que foi através de lutas das mulheres, e sim por causa da sua profissionalização no magistério simbolizando a supremacia dos homens e continuando a separação dos sexos nas aulas de Educação Física.

A outra pesquisa dos trabalhados foi observada no recreio escolar demonstrando as relações de gênero e sexualidade entre as crianças onde os espaços no pátio para meninos e meninas são demarcados. As crianças organizam seus espaços negociando-os e dividindo-os

para que cada grupo de meninas ou meninos utilizasse seus determinados espaços. Isso demonstra como as questões de gênero e sexualidade está presente em todas as esferas sociais e que essa separação e organização dos sexos demonstram o quanto achamos “naturais” essas situações.

Outro artigo estudado retrata as políticas públicas sobre gênero e raça que constata que mesmo com o investimento dado pelo governo às pesquisas científicas na área da educação questionando gênero e raça são temas ainda pouco debatidos.

No artigo que contextualiza gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física através de entrevistas com professoras/es formaliza a separação de meninos e meninas nas aulas por acharem os meninos mais velozes e as meninas mais lentas que não deixa de ser uma afirmação da superioridade do gênero masculino sobre o feminino alicerçada pela nossa herança cultural.

No último artigo, pesquisado em escola infantil contextualiza as relações de gênero entre as crianças observadas através da movimentação do corpo no espaço escolar. É natural a divisão de espaços de meninas e meninos e a separação dos sexos pela professora. Atividades que meninos praticam não são as mesmas para as meninas, eles mais fortes, elas mais frágeis. Assim é demonstrado como essas relações de gênero são reproduzidas no interior escolar desde a infância e que professores/as nem percebem.

Analisando os temas pesquisados sobre gênero e sexualidade na Educação Física é visto como ainda é forte a superioridade do sexo masculino sobre o feminino no campo da Educação Física. Com isto mesmo com os avanços das pesquisas científicas nessa área este conhecimento sobre gênero e sexualidade é praticamente inexistente na formação de professores/as de graduação. Podemos comparar a educação brasileira como um funil em que muitos estudantes entram na universidade, mas são poucos que entram na Pós-Graduação.

Não é fácil para a escola – entende-se, aqui, escola como uma organização social que envolve toda a comunidade escolar: alunos/as, educadores/as, profissionais administrativos/as, mães, pais e/ou responsáveis legais, e até pessoas que prestam serviços de forma terceirizada na escola, como a “tia da cantina”, por exemplo – trabalhar um assunto que envolva tantos valores culturais e que arrasta consigo preconceitos, intolerância, violência, etc. Todavia, por questões de gênero e sexualidade não podem ficar fora das discussões escolares, pois deve ser pensado e trabalhado como integrante curricular.

É certo que, se tratando de gênero e sexualidade, há muito que se caminhar no Brasil. Por questões culturais e/ou religiosas, as pessoas ainda se mostram resistentes a uma “abertura” à discussão ou, o que é pior, tem sua visão sobre o assunto como a única que merece respeito e atenção.

No entanto, também é certo que nos últimos anos tem-se avançado muito na discussão sobre gênero e sexualidade na educação. Alguns cursos, inclusive no nível de Pós-Graduação, tratam especificamente dos temas, de forma aberta, desmascarada, com enfoque na educação e nos/as educadores/as.

Como nossa sociedade é repleta de mudanças sociais, históricas, políticas econômicas, culturais, e vivenciada desde sempre pelo sexo masculino e feminino no decorrer da história da humanidade, há muito que saber sobre o histórico e os papéis exercidos pelos homens e pelas mulheres que sempre foram atores de transformações sociais no mundo inteiro.

REFERÊNCIAS

CARRARA, Sergio; HEILBORN, Maria Luiza; et al. (Org.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Caderno de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009. (p. 111-144; p.146-164).

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**. A história que não se conta. 4ª ed. Campinas- SP, Papirus: 1994.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1988, pp. 85-144.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 13ª ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOELLNER, S. V. A construção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F. & GOELLER, S.V. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003, pp. 28-40.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar da diferença. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F. & GOELLNER, S. V. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1997, pp. 57-87.

_____. O Gênero na Docência. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J.F. & GOELLNER, S. V. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, pp. 88-109.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Guacira Lopes Louro (org.), Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: **História**. São Paulo: v.24, n. 1, p. 77-98, 2005.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. Porto Alegre, vol. 20, n. 02: 1995, p. 71-99. Disponível em: <http://www.archive.org/details/scottgender>.

TRIVIÑUS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo, Atlas, 1987.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e sexualidade. LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82.

APENDICE A - FICHA DE LEITURA DOS TRABALHOS SELECIONADOS

FICHA DE LEITURA

PESQUISA

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COM OS TERMOS GÊNERO OU SEXUALIDADE, PRODUZIDAS NOS ANOS DE 2011 E 2012 (realizado do dia 15 a 01/05/2013, às 23h)

ARTIGOS DE PERIODICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, PUBLICADOS DE 2011 A 2013 (até o dia 02/05/2013, as 16h20)

DISSERTAÇÃO 1

1. Ano de Publicação: 2011

2. Título do Trabalho: GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: REPERCUSSÕES DA POLÍTICA EDUCACIONAL GESTÃO 2007-2010 EM SANTA CRUZ DO SUL.

2.1. Tipo: Dissertação de mestrado – UFPEL

3. Páginas: 118 páginas.

4. Autor (a): Ana Aparecida Esperdião Constancio

5. Orientador (a): Profª Drª Valdelaine da Rosa Mendes

6. Linha de Pesquisa:

Não foi informada, mas o Programa possui área de concentração em Educação Física, Ciências *Sociais* e Humanas com linha de pesquisa Escola, Formação e Trabalho.

7. Instituição de Origem:

- UFPEL – Universidade Federal de Pelotas/ RS
- Mestrado de Pós-Graduação em Educação Física/UFPEL.

8. Identificação das palavras-chave da dissertação:

* Política Educacional; Educação Física e Gênero.

9. Referencial Teórico:

9.1. Autores (as) que fundamentam a temática central do trabalho:

Políticas Públicas:

- AZEVEDO, José Cloves de.
- BOITO JUNIOR, Armando.
- CUNHA, Edite da Penha.

- CUNHA, Eleona Schettini M.
- CHESNAIS, François.
- FRIGOTTO, Gaudêncio.
- FERRARO, Alceu Cavanello.
- GENTILI, Pablo.
- GUARESCHI, Pedrinho.
- HAYEK, Friedrich August Von.
- HYPÓLITO, Álvaro Moreira.
- IANNI, Octavio.
- MENDES, Valdelaine da Rosa.
- OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari.
- PERONI, Vera Maria Vidal.
- SADER, Emir.
- SILVA, Ilse Gomes.
- SIMÕES, Daniela Dantas. CASTANHO, Maria Eugênia.
- VIEIRA, Sofia Lerche.

9.2. Autores (as) que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre gênero:

- DUQUE-ARRAZOLA, Laura Suzana.
- FERREIRA, José Luiz.
- GOELLNER, Silvana Vilodre.
- LOURO, Guacira Lopes.
- MEYER, Dagmar E.
- PEDRO, Joana Maria.
- PETERSEN, Áurea T..
- SCOTT, Joan.

9.3. Autores (as) que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre sexualidade:

Não consta autores que fundamentam sobre sexualidade.

10. Temática Central:

Impactos da Política Educacional do governo do Estado do Rio Grande do Sul para fusão de turmas masculinas e femininas na prática pedagógica da Educação Física.

11. Apresenta Problema Claro: (x) Sim () Não

11.1. Qual?

A autora apresenta questões norteadoras a partir do objetivo geral na página 21 da dissertação:

“- Como esses docentes avaliam as políticas educacionais no governo Yeda Crusius?

- Como esses docentes reagiram as imposições da política do governo, a partir da junção das turmas?

Quais os motivos que se encontram inculidos na separação entre os meninos e meninas ou na sua unificação?

- Como desenvolver um trabalho voltado para a igualdade entre meninos e meninas se durante anos a escola realizou as aulas separadas e não foi oferecido aos professores/as nenhum suporte pedagógico?

- Como esses docentes significam as práticas voltadas à cultura corporal, à luz das questões de gênero?

- Como as aulas de Educação Física estão sendo realizadas?

- Como as relações de gênero foram consideradas para organizar o trabalho nas aulas de Educação Física nas escolas, a partir das determinações da 6ª CRE?

- Quais foram as principais dificuldades encontradas para trabalhar com turmas mistas?" (CONSTANCIO, 2011, p.21).

12. Apresenta Objetivo Geral? () **Sim** () **Não**

12.1. Qual?

“Assim, o objetivo geral do estudo foi investigar os impactos da política educacional do governo do Estado do Rio Grande do Sul na prática pedagógica dos/as professores/as de Educação Física, após a fusão das turmas masculinas e femininas a partir da determinação da 6ª CRE no final do ano de 2007 início de 2008, na rede estadual de ensino do município de Santa Cruz do Sul.” (CONSTANCIO, 2011, p.21).

13. Apresenta Objetivos Específicos? () **Sim** () **Não**

13.1. Quais?

14. Tipo de Pesquisa:

() estudos do tipo etnográficos

() estudo de caso

() pesquisa ação

() pesquisa documental

() survey

() pesquisa participante

() pesquisa experimental

() história oral

() pesquisa histórica

(x) outro. Qual? Não estabelece o tipo de pesquisa, apenas afirma que será qualitativa

15. Metodologia

15.1. Técnica de coleta de dados:

Pesquisa semi- estruturada e a análise de documentos.

15.2. Local da coleta de dados:

Uma escola estadual na cidade de Santa Cruz do Sul/RS

15.3. Amostragem:

Quatro professoras de Educação Física da escola referida e documentos das políticas públicas educacionais do governo do Estado do Rio Grande do Sul, bem como outros provenientes de diversas fontes, como: jornais, revistas, site oficial do CPERS/Sindicato e da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul

15.4. Passou pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP)? (x) sim () não

16. Análise dos Dados:

. Referentes a documentos:

“Todos esses projetos, segundo a Seduc, tinham como meta melhorar a qualidade da educação através do gerencialismo no contexto escolar. Observa-se então que o governo do Estado do Rio Grande do Sul seguiu o modelo de gestão, no qual as escolas da rede tiveram que incorporar os conceitos de “produtividade, eficácia, excelência e eficiência, importando mais uma vez, das teorias administrativas as orientações para o campo pedagógico.” (OLIVEIRA, D. 2004, p.1130) ” (CONSTANCIO, 2011, p. 45-46).

“No entanto, as questões pedagógicas são muito diferentes das administrativas, por isso as reformas na educação realizadas através do Programa Boa Escola para Todos alteraram a configuração das escolas da rede nos seus aspectos físicos e organizacionais.” (CONSTANCIO, 2011, p. 46).

. Referentes às entrevistas:

“Assim, é possível constatar que as questões materiais e de infraestrutura têm reflexos diretos na prática pedagógica do/a professor/a, ou seja, menos investimentos na educação, ausência de condições básicas e necessárias no ambiente escolar refletem também nas questões de gênero.” (CONSTANCIO, 2011, p. 48).

“Assim como a professora Doroty a professora Marcela mencionou ser um desrespeito com os/as professores/as a governadora não ter estabelecido diálogo com o sindicato.” (CONSTANCIO, 2011, p. 66).

“A professora Doroty reconhece que o governo Yeda não recebeu o sindicato para dialogar e ouvir suas reivindicações, mesmo assim descreve a atitude do sindicato como radical.” (COSNTANCIO, 2011, p. 66).

17. Principais Conclusões:

“Finalizando, é necessário questionar as políticas públicas implantadas pelos diferentes governos, bem como desvendar os fundamentos por trás de suas propostas. Refletir e questionar a prática dentro da escola também permite construir e (re) construir conceitos estejam estes vinculados as políticas públicas educacionais ou as relações de gênero.” (CONSTANCIO, 2011, p. 98).

18. Concepções:

18.1. Gênero:

Assim, a expressão gênero inclui todas as formas de construções culturais, sociais e linguísticas como forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (COSNTANCIO, 2011, p. 69).

“Assim, no entendimento da categoria gênero, há de se levar em consideração as diferentes construções de gênero na sociedade. Essas construções dependem dos modelos, ideais e imagens de homem e de mulher que a sociedade, capitalista ou não, estabelece baseadas nas diferentes classes, religiões, etnias e idades.” (CONSTANCIO, 2011, p. 71).

“Migrou das ciências sociais, especialmente da antropologia para história...[...] ampliou o conceito funcionalista dos papéis sociais. Trata-se então de uma categoria que para seu estudo foi preciso, ao destacar as funções de assimetria e hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporar as relações de poder.” (CONSTANCIO, 2011, p.69).

“É na década de 1980 que as questões de gênero relacionadas às aulas de Educação Física no contexto escolar começam também a ser discutidas, pois ao adquirir um enfoque mais pedagógico nas aulas, fruto dos estudos sociais, os princípios que orientam a diferenciação de práticas e oportunidades nas aulas, bem como na separação entre meninos e meninas passam a ser questionado.” (CONSTANCIO, 2011, p.74).

18.2. Sexualidade:

Não há discussões e/ou conceitos sobre sexualidade.

“Por isso destaca Saraiva (1993), a Educação Física constitui-se um campo vasto que, por excelência, acentua de forma hierarquizada as diferenças entre homens e mulheres, devido às construções histórico-culturais e estereótipos sexuais. Assim, são construídos preconceitos e estereótipos, que se perpetuam e se reproduzem como verdades (SARAIVA, 2002).” (CONSTANCIO, 2011, p. 86).

FICHA DE LEITURA

PESQUISA

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COM OS TERMOS GÊNERO OU SEXUALIDADE, PRODUZIDAS NOS ANOS DE 2011 E 2012 (realizado do dia 15 a 01/05/2013, às 23h)

ARTIGOS DE PERIODICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, PUBLICADOS DE 2011 A 2013 (até o dia 02/05/2013, as 16h20)

ARTIGO 1

1. Ano de Publicação: 2011

2. Título do Trabalho: ESCOLA DE FORMAÇÃO DE “PROFESSORAS”: AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CURRÍCULO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

2.1. Tipo: ARTIGO DA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE.

Rev.Bras.Ciên.Esporte, Florianópolis, v.33, n.4, p.857-872, out./dez. 2011.

3. Páginas: 15 páginas.

4. Autor (a):

- a) Viviane Teixeira Silveira;
- b) Luiz Carlos Rico;
- c) Maria Rita de Assis César;
- d) Eliane Ribeiro Pardo

5. Instituição de Origem:

a) Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

- b) ESEF/UFPEL
- c) Professora do Setor de Educação da UFPR
- d) ESEF/UFPEL

6. Titulação dos autores:

- a) Mestre;
- b) Doutor;
- c) Doutora;

d) Doutora;

7. Identificação das palavras-chave da dissertação/artigo: Currículo; relações de gênero; memória institucional; formação de professores.

8. Referencial Teórico

8.1. Autores (as) que fundamentam a temática central do trabalho:

. CASTELLANI FILHO, L.

. FOUCAULT, M.

. LOURO, G.

. MARTINS, E.F.

. MONTENEGRO, A.

. PORTELLI, A.

. RAGO, M.

. ROSA, M.

. SILVA, T. T. da.

8.2 Autores (as) que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre gênero:

. BUTLER, J.

. HÉRITIER-AUGÉ, F.

. KEHL, M.R.

. LOURO, G.

8.3. Autores (as) que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre sexualidade:

. FOUCAULT, M.

. LOURO, G.

. RAGO, M.

9. Temática Central: Relações de gênero no currículo da ESEF/UFPEL no processo de formação de professoras de Educação Física

10. Apresenta Problema Claro: () Sim (X) Não

10.1. Qual?

11. Apresenta Objetivo Geral? (X) Sim () Não

11.1. Qual?

“[...] este artigo teve como objetivo investigar como as relações de gênero estiveram presentes na emergência e na consolidação do currículo da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPe), na formação de professoras de Educação Física, nas décadas de 1970 e 1980.” (SILVEIRA et al, 2011, p.85,).

12. Apresenta Objetivos Específicos? () Sim (X) Não

12.1. Quais?

13. Tipo de Pesquisa:

- () estudos do tipo etnográficos
- () estudo de caso
- () pesquisa ação
- () pesquisa documental
- () survey
- () pesquisa participante
- () pesquisa experimental
- (x) história oral
- () pesquisa histórica
- () outro. Qual?_____

14. Metodologia

14.1. Técnica de coleta de dados:

Fontes escritas junto ao acervo da ESEF/UFPe e depoimentos orais.

14.2. Local da coleta de dados: Arquivos da ESEF/UFPEL. Os depoimentos foram coletados na cidade de Pelotas.

14.3. Amostragem:

* Dos documentos: ementas das disciplinas, os cadernos de informações aos calouros, as atas de reuniões departamentais, as notícias publicadas nos jornais da cidade, referentes à situação da Educação Física na cidade e à criação da Escola Superior de Educação Física.

* Dos depoimentos: Cinco depoimentos orais com ex-alunas e ex-professoras da ESEF/UFPEL

14.4. Passou pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP)? () sim (x)
não

15. Análise dos Dados:

15.1. Referentes a documentos:

“Se os registros escritos representam a versão que a instituição preserva, as entrevistas representaram outra face da história, um pouco do currículo oculto da instituição pesquisada.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 860)

“As discussões sobre a implantação da Escola Superior de Educação Física de Pelotas - ESEF iniciaram-se em 1969, por meio do Conselho Municipal de Desportos, influenciado pela criação da lei federal que estendeu a obrigatoriedade da prática da Educação Física a todos os níveis de ensino. Com a aprovação dessa lei ganharam mais coro as reivindicações que clamavam por um curso superior de Educação Física, pois a região convivia com a falta de professores e professoras com formação superior nessa área. Dos poucos professores/as que trabalhavam com essa disciplina, a maioria possuía registros a título precário.” (SILVEIRA et al, 2001, p. 860-861)

“Desse modo, tendo como justificativa principal a falta de professores formados em Educação Física para atuarem nas escolas de ensino fundamental e médio na cidade de Pelotas e na região, e a recente extensão da obrigatoriedade da Educação Física para todos os acadêmicos pertencentes a qualquer curso superior, em 09/06/1971, sob a portaria nº 121/71, o Reitor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) instituiu a criação da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 862)

“Apesar de haver candidatos do sexo masculino e feminino inscritos em todas as disciplinas que havia na seleção; nas disciplinas de Biometria, Socorros de Urgência, Ginástica com peso e halteres, futebol de campo e futebol de salão, foram selecionados somente candidatos homens. Já nas disciplinas de Ginástica Rítmica e Recreação, foram selecionadas mulheres e, para as disciplinas práticas, como o voleibol, o basquetebol, o atletismo e a ginástica, foram selecionados dois professores, um de cada sexo, para trabalhar respectivamente com a turma masculina e feminina. Apesar de não termos feito uma investigação mais detalhada sobre esta seleção, principalmente pela falta de fontes específicas do episódio e dos critérios avaliativos que orientaram a seleção, o resultado é instigante, ele explicita certa segregação por gênero já na constituição do corpo docente.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 862)

“No arquivo da Escola Superior de Educação Física encontramos a lista de presença da primeira aula prática do currículo, datada de 05/03/1974, corrida no Ginásio do Colégio Municipal Pelotense. A lista de presença da disciplina de Ginástica Rítmica reforça a supremacia das mulheres nas primeiras turmas do curso de Educação Física da ESEF/ UFPel, nas quais de um total de 33 alunos/as apenas 9 eram homens. Um dos fatores para essa supremacia de mulheres pode estar relacionado com a profissionalização do magistério ocorrida nos anos 70, (conforme sinaliza a passagem do depoimento da professora Elisabeth Martins mais a frente). As professoras tornam-se profissionais do ensino em contraposição à figura materna do período anterior” (SILVEIRA et al, 2011, p. 863)

“Além da falta de mulheres professoras de Educação Física, a citação acima ressalva que “os exercícios para o sexo feminino devem ser diferentes dos que são ensinados aos rapazes”. A visibilidade do texto expõe a força dos discursos sexistas na tradição curricular da Educação Física pelotense e brasileira. Além disso, bailado, balanceio e dança rítmica confrontam com o modelo de masculinidade da época, pois são práticas tidas como femininas. Assim, o autor do artigo do jornal alerta que ministrar aulas para turmas femininas representa um desconforto ao corpo e a masculinidade dos professores (homens) de Educação Física.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 864)

“Mas, além da demanda específica e local, a procura feminina em relação à escolha pelo curso de Licenciatura em Educação Física, também pode estar relacionada a fatores políticos e sociais transversais, como foi o processo da “feminização do magistério”, (LOURO, 1997b, p. 449). A entrevistada Elisabeth Martins faz referência a isso, lembrando que: “Eu acho que na época como o magistério era uma profissão essencialmente quase feminina, eram as mulheres que atuavam a título precário na área da educação física, talvez por isso havia um número maior do sexo feminino na primeira turma da ESEF/UFPeI” (MARTINS, 2007).” (SILVEIRA et al, 2011, p. 864)

“A reivindicação (expressa no maior jornal de circulação da cidade) para homens que não ministrassem aulas de Educação Física para mulheres e vice-versa evidencia uma tendência para uma “maximização das diferenças” 14, mostrando que é justamente quando, “a diferença é pequena, e não quando acentuada, que o outro se torna alvo de intolerância” (KEHL, 1992, p. 26).” (RBCE, 2011, p. 865).

.Referentes às entrevistas:

“A maioria dos/as professores/as foi favorável à permanência das atividades com turmas mistas e ressaltaram que não encontraram maiores dificuldades nas aulas. No entanto, o professor e a professora da disciplina de Atletismo afirmaram preferirem turmas separadas por sexo. Segundo registro no documento, tais professoras afirmavam que a separação facilitava a aprendizagem dos alunos. O professor da disciplina de Handebol comentou que nas aulas prática as turmas deveriam ser separadas porque com turmas mistas os rapazes eram prejudicados em termos de rendimento.” (SILVEIRA, 2011, p. 866).

16. Principais Conclusões:

“Como identificamos em nossa pesquisa, tal concepção provem desde as justificativas que conclamam pela criação da ESEF/UFPeI, e adentram a estrutura física e curricular dessa instituição e se proliferam nas escolas e nas aulas de Educação Física, tornando-se uma adversidade para a diversidade nas construções de gênero. Atrelada em bases biológicas conservadoras, a Educação Física foi cooptada para ajudar a reforçar a “maximização das diferenças” entre homens e mulheres.” (RBCE, 2011, p. 868).

17. Gênero:

Não há trechos que demonstrem “o que é” gênero, mas no corpo do texto foram retirados trechos que demonstram a compreensão da autora acerca de gênero.

“Judith Butler (2001) alerta que formamos nossas concepções e representações dos corpos em função de uma representação de mundo que é dual, binária. Essa oposição binária

atende a propósitos hierárquicos. Segundo a autora, quando determinamos diferença a partir do sexo, nós restringimos nosso entendimento àquelas partes sexuais que ajudam no processo de reprodução. Assim, é preciso desconfiar desse proceder e perguntar pelas condições de emergência dos sujeitos, pelas contingências sócio-históricas e pelas relações de poder constituintes das diferenças de gêneros.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 864)

17. Sexualidade:

Não há trechos que demonstrem “o que é” sexualidade.

“Por lidar diretamente com o corpo, a Educação Física é um palco de visibilidade da sexualidade. As estratégias de ensino, os métodos e os conteúdos específicos das aulas dessa disciplina “permitem que o professor ou professora exercite um olhar escrutinador sobre cada estudante, corrigindo sua conduta, sua postura física, seu corpo, enfim, examinando-o/a constantemente” (LOURO, 1997a, p. 75).” (SILVEIRA et al, 2011, p. 865).

“O lugar reservado a essas mulheres que estão adentrando o espaço institucional da universidade, como alunas ou como professoras, é garantido a partir de toda uma construção padronizada de corpos e de sexualidade, de professor e de professora.” (SILVEIRA et al, 2011, p. 863).

FICHA DE LEITURA

PESQUISA

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COM OS TERMOS GÊNERO OU SEXUALIDADE, PRODUZIDAS NOS ANOS DE 2011 E 2012 (realizado do dia 15 a 01/05/2013, às 23h)

ARTIGOS DE PERIODICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, PUBLICADOS DE 2011 A 2013 (até o dia 02/05/2013, as 16h20)

ARTIGO 2

1. Ano de Publicação: 2013

2. Título do Trabalho: As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar

2.1. Tipo: Artigo da Revista Brasileira da Educação Física Escolar/ RBEFE.

Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo) 2013 Jan-Mar; 27(1) 117-28.

3. Páginas: 11 páginas.

4. Autor (a): . Ileana Wenetz

. Marco Paulo Stigger

. Dagmar Estermann Meyer

5. Instituição de Origem: Escola Superior de Educação Física/ Universidade Federal do Rio Grande dos Sul - ESEF/UFRS.

6. Titulações dos autores: Não consta titulação dos/as autores/as.

7. Identificação das palavra-chave da dissertação: Etnografia; Infância; Gênero; Sexualidade.

8. Referencial Teórico:

8.1. Autores que fundamentam a temática central do trabalho:

. BAINE, E.

. BLATCHFORD, P.

. FOUCAULT, M.

. COSTA VORRABER.

. GEERTZ, C.

. PELLEGRINI, AD.

. STEINBERG, S.

. SILVA, T.T.

8.2. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre gênero:

. ALTMANN, H.

. CRUZ, T.

. GRUGEON, E.

. LOURO, GL.

. NICHOLSON, L.

. MEYER, D.

. THORNE, B.

8.3. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre sexualidade:

. LOURO, GL.

9. Temática Central: As relações de gênero e sexualidade de crianças no recreio escolar, que são mapeadas as localidades de meninas e meninos referentes ao gênero, à sexualidade e a idade.

10. Apresenta Problema Claro: **Sim** **Não**

10.1. Qual?

“[...] Assim tendo como objeto de estudo as brincadeiras que acontecem no recreio escolar, perguntamos: quais os significados sociais atribuídos ao corpo e ao gênero nas práticas corporais que permeiam o recreio da primeira à quarta série de uma escola pública de Porto Alegre, no Brasil?” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p.118)

“[...] Esta questão central foi dividida em algumas perguntas específicas: como e o que as crianças aprendem sobre feminilidades e masculinidades brincando no recreio? Que significados meninas e meninos conferem, concedem, consentem em relação a essas aprendizagens? Como o corpo se torna alvo de determinados discurso que evidenciam algumas representações em detrimento de outras? Como as práticas corporais vivenciados no recreio disciplinam corpos de meninos e meninas, genereficando-os? (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 118).

11. Apresenta Objetivo Geral? **Sim** **Não**

11.1. Qual?

enta Objetivos Específicos? **Sim** **Não**

12.1. Quais?

13. Tipo de Pesquisa:

- estudos do tipo etnográficos
- estudo de caso
- pesquisa ação
- pesquisa documental
- survey
- pesquisa participante
- pesquisa experimental
- história oral
- pesquisa histórica
- outro. Qual? _____

14. Metodologia:

14.1. Técnica de coleta de dados: Observação direta em todo o contexto da escola, (entrada e saída das crianças, atividades em sala de aula, passeios, hora do lanche e festas escolares e entrevistas com 58 crianças.

14.2. Local da coleta de dados: Na escola durante o recreio com as brincadeiras.

14.3. Amostragem: Observação do recreio durante um ano em entrevista com 58 crianças de turmas da 2ª e 3ª série do Ensino Fundamental.

14.4. Passou pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP)? sim não

15. Análise dos Dados:

. Referentes às observações:

“ Mesmo que existam estudos desenvolvidos no pato das escolas, comparado com outras temáticas pedagógicas, institucionais ou curriculares, as atividades que acontecem no recreio escolar parecem ter sido menosprezadas, como objeto de estudo. Talvez isto ocorra pelo fato de que as coisas que

ocorrem no *tempo livre* (os jogos e as brincadeiras, em especial) sejam ainda considerados como *temas menores*, já que são vistas como momentos não sérios da vida da escola, diferentes das atividades intelectuais que acontecem no contexto escolar.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 119).

. Referentes às conversas informais com as crianças:

Considerando as falas destacadas, é possível observar como alguns pressupostas de masculinidade e de feminilidade se constituem como noções *homogêneas* e *universais*, como *dados desde sempre dessa maneira*. Mas também pudemos salientar as diferentes

configurações que se desenham, reconfiguram e ressignificam constantemente, sendo alvos de disputas no espaço do recreio.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, 125)

“ Em busca de pistas a estas questões, realizamos um trabalho etnográfico, onde procurando problematizar as aprendizagens que acontecem nesse espaço, identificando, nele, os discurso que evidenciam algumas representações de gênero em detrimento de outras. Isto foi realizado entendendo que as brincadeiras, as falas, as disputas e as diversas ações que se realizam mesmo num espaço considerado tradicionalmente como *espontâneo e livre*, carregam significados que as crianças produzem, atribuem e disputam a partir do meio social no qual se encontram.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 118).

“[...] Observar/mapear essas complexidades permitiu-nos *desnaturalizar* algumas das lógicas subjacentes à construção de masculinidades e feminilidades em vários espaços e processos, dentre eles um que parece inusitado à primeira vista, como é o recreio escolar.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 126).

17. Principais Conclusões:

“Observamos que o recreio é um espaço generificado e sexualizado. Nesse espaço as crianças não são tão livres quanto poderíamos acreditar. As crianças não brincam todas juntas, não fazem sempre o que querem, nem todas brincam em todos os espaços e, ainda, nem todas brincam do que gostariam. As brincadeiras são generificadas e sexualizadas e ocupam diferentes espaços no pátio. Ditos espaços são disputados, negociados ou impostos.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 126).

18. Gênero:

Não há trechos que demonstrem “o que é” gênero.

“Como vimos, no espaço do recreio as crianças não brincam todas juntas, não fazem sempre o que querem nem brincam em todos os espaços; não fazem sempre o que elas gostariam mas também não brincam sempre daquilo que esperamos nem da forma como imaginaríamos que fizessem. O gênero e a sexualidade no recreio podem ser observados através da constituição dos próprios grupos e suas brincadeiras.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 124).

18.1. Sexualidade:

Não há trechos que demonstrem “o que é” sexualidade.

“As próprias falas das crianças permitem observar a instauração de uma norma de linguagem que pode atuar de maneira repetida sobre a sexualidade e gênero das crianças, operando como uma produção de identidades. Por exemplo, Janaína enuncia que “as meninas de outras turmas que chamam ele [João] de bicha, [é] só porque ele anda com menina.” (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p. 124).

FICHA DE LEITURA

PESQUISA

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COM OS TERMOS GÊNERO OU SEXUALIDADE, PRODUZIDAS NOS ANOS DE 2011 E 2012 (realizado do dia 15 a 01/05/2013, às 23h)

ARTIGOS DE PERIODICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, PUBLICADOS DE 2011 A 2013 (até o dia 02/05/2013, as 16h20)

ARTIGO 3

1. Ano de Publicação: 2012.

2. Título do Trabalho: PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA: ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E RAÇA.

2.1. Tipo: Artigo da Revista de Educação Física/UFM

Rev. Educ. Fís./UFM, v. 23, n.1, p. 141-153, 1.trim. 2012.

3. Páginas: 12 páginas.

4. Autor (a): a) Renata Monteiro.

b) Ludmila Mourão

c) Sebastião Votre.

5. Instituição de Origem: a) UGF

b) UJF

c) UGF

6. Titulação dos/as autores/as:

a) Graduada em Educação Física e Mestranda do curso de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Física na Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil

b) Doutora.

c) Doutor.

7. Identificação das palavra-chave da dissertação: Gênero. Raça. Atividade físico-esportiva.

8. Referencial Teórico

8.1. Autores que fundamentam a temática central do trabalho:

- . AMARAL, S.
- . BRACH, V.
- . FREY, K.
- . GOLDANI, A. M.
- . LIMA, M.
- . MELO, J.
- . SANTOS, L.
- . VALVERDE, D.

8.2. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre gênero:

- . DEVIDE, F.
- . FONTOURA, N.
- . GALIZA, M.
- . GOELLNER, S.
- . MOURA, D.
- . MOURÃO
- . NASCIMENTO, R.
- . PARENTE, E.
- . PINHEIRO, L.
- . RIBEIRO, M.
- . VIANNA, A.
- . UNBEHAUM, S.

8.3. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre sexualidade:

Não possui discussão e/ou concepção sobre sexualidade.

10. Temática Central: Produção Científica sobre Políticas Públicas (PPs) sobre gênero e raças.

11. Apresenta Problema Claro: () Sim (x) Não

11.1. Qual?

12. Apresenta Objetivo Geral? () Sim (x) Não

12.1. Qual?

13. Apresenta Objetivos Específicos? () Sim (x) Não

13.1. Quais?

14. Tipo de Pesquisa:

- () estudos do tipo etnográficos
- () estudo de caso
- () pesquisa ação
- () pesquisa documental
- () survey
- () pesquisa participante
- () pesquisa experimental
- () história oral
- () pesquisa histórica
- (x) outro. Qual? Não informa, mas considerou como pesquisa bibliográfica.

15. Metodologia

15.1. Técnica de coleta de dados: O levantamento pautou-se na produção acadêmica sobre PPs da última década (2001-2010) considerando para as análises, as categorias sociológicas de raça e gênero. Os artigos foram analisados descritivamente, por meio da técnica de análise de conteúdo temático.

15.2. Local da coleta de dados: Nas revistas periódicas sobre Educação Física das seguintes universidades:

Revistas e Instituições

- . Movimento – UFRGS
- . Brasileira de Ciências do Esporte – CBCE
- . Motriz – UNESP
- . Educação & Sociedade – UNICAMP
- . Educação e Realidade – UFRGS
- . Educação e Pesquisa – USP
- . Educação Física – UEM
- . Estudos Feministas – UFSC

. Brasileira de Ciências e Movimento – UCB

. Brasileira de Educação Física e Esporte – USP

. Licere - UFMG

15.3. Amostragem: 83 artigos no qual 11 revistas periódicas de universidades pesquisadas foram selecionadas.

15.4. Passou pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP)? () sim (x) não

16. Análise dos Dados:

“Percebemos também que a discussão sobre PPs que considerem as temáticas de gênero ainda é pequena quando contempla as atividades físico-esportivas e o lazer, e que o tema raça ainda não foi discutido sob essa visão; daí destacamos a necessidade de novos estudos que contemplem uma rede de indicadores sociais que possam potencializar o processo e a relação dessas temáticas descritas acima, mostrando a necessidade, ou a falta dela, na implantação das políticas públicas pertinentes.” (MONTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012, p.150).

“Os estudos que abordam as questões de gênero nas PPs discutem temas como a violência física, psicológica e sexual sofrida por mulheres e a desigualdade dos arranjos familiares brasileiros e das oportunidades de acesso a programas de esporte e lazer (PARENTE, NASCIMENTO; VIEIRA, 2009; PINHEIRO; GALIZA; FONTOURA, 2009; GOELLNER et al., 2010).” (MONTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012, p.145).

“Já o estudo que defende as políticas de ação afirmativa assume uma posição de luta e desabafo perante as diferenças raciais entre seres humanos das cores branca e negra. O discurso se projeta na perspectiva de que essas diferenças têm gerado desigualdades e, conseqüentemente, disparidades no tratamento das PPs. Com isso, inferiram que o Estado deveria se posicionar por meio de ações concretas, indo além das boas intenções e de propagandas pontuais para determinados grupos sociais, que são minoritários.” (MONTEIRO; MOURÃO; VOTRE, 2012, p. 146-147).

“Politicamente, o conceito de igualdade supõe a ausência de diferenças de direito e deveres entre os membros de uma sociedade. Partindo desse pressuposto, entendemos que não há igualdade quando é decretada a política afirmativa de cotas.” (MONTEIRO; MOURÃO, VOTRE, 2012, p. 149).

“Entendendo a crescente valorização da publicação de artigos científicos em revistas indexadas como um produto fina importante das teses e dissertações dos programas de pós-graduação, podemos inferir que o tema das PPs, no tocante às categorias de gênero e raça, tem despertado tímido interesse entre os pesquisadores, conforme demonstramos no exame da última década.” (MONTEIRO; MOURÃO. VOTRE, 2012, 149).

17. Principais Conclusões:

“Os dados encontrados indicam que, nas produções acadêmicas sobre PPs que levam em consideração as categorias gênero e raça, estas não tem sido abordadas no tocante às atividades físico-esportivas e ao lazer. Os resultados demonstram que as categorias analisadas

vêm representando preocupação dos pesquisadores nas ciências humanas e sociais, mesmo ainda que tímida, se comparada às necessidades de desenvolvimento e avanço no âmbito das PPs no Brasil.” (REF, 2011, 149).

18. Concepções

18.1. Gênero:

Não possuí discussões/conceitos sobre gênero.

18.2. Sexualidade:

Não possuí discussões/conceitos sobre sexualidade.

FICHA DE LEITURA

PESQUISA

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COM OS TERMOS GÊNERO OU SEXUALIDADE, PRODUZIDAS NOS ANOS DE 2011 E 2012 (realizado do dia 15 a 01/05/2013, às 23h)

ARTIGOS DE PERIODICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, PUBLICADOS DE 2011 A 2013 (até o dia 02/05/2013, as 16h20)

ARTIGO 4

1. Ano de Publicação: 2011

2. Título do Trabalho: MARCAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A SEPARAÇÃO DE MENINAS E MENINOS EM FOCO

3. Páginas: 17 páginas.

4. Autor (a): Priscila Gomes Dornelles

5. Instituição de Origem: Vinculada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB.

6. Titulação do/da autor/a: Doutora em Educação pela UFRGS.

7. Identificação das palavra-chave da dissertação: Gênero, Educação Física Escolar, separação de meninos e meninas.

8. Referencial Teórico:

8.1. Autor(a) que fundamentam a temática central do trabalho:

. FOUCAULT, M.

. FISCHER, R.

. SILVA, Tomaz T. da.

. SILVEIRA, R. M. R.

. WORTMANN, M. L. C.

9.2. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre gênero:

. GOELLNER, S. V.

. LOURO, G. L.

. MAYER, D. E. E.

. NICHOLSON, L.

. SCOTT, J.

. DAL' IGNA, M. C.

9.3. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre sexualidade:

. DORNELLES, Priscila. G.

. MAYER, Dagmar.

10. Temática Central:

“[...] a perspectiva teórica que constituiu esta investigação possibilita-me tensionar os modos como a cultura se constitui como espaço generificado. Na esteira dessa provocação, o exercício empreendido nesta pesquisa e apresentado neste texto foi, fundamentalmente, o de problematizar a divisão que se constitui com base na naturalização de representações de feminilidade e masculinidade produzidas no âmbito da Educação Física na escola.” (DORNELLES, 2011, p. 27).

11. Apresenta Problema Claro: () Sim (x) Não

11.1. Qual?

12. Apresenta Objetivo Geral? () Sim (x) Não

12.1. Qual?

13. Apresenta Objetivos Específicos? () Sim (x) Não

13.1. Quais?

14. Tipo de Pesquisa

() estudos do tipo etnográficos

() estudo de caso

() pesquisa ação

() pesquisa documental

() survey

() pesquisa participante

() pesquisa experimental

() história oral

() pesquisa histórica

(x) outro. Qual? Questionários e entrevistas.

15. Metodologia

15.1. Técnica de coleta de dados: Questionários endereçados aos/as professores/as de Educação Física, entrevistas e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com os que atuam nos anos finais do ensino fundamental nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS.

15.2. Local da coleta de dados: Escolas Municipais de Porto Alegre/RS.

15.3. Amostragem: Questionários endereçados com a margem de 46 escolas em 2006. Foram selecionados 10 questionários para as entrevistas que foram gravadas com professores/as de Educação Física.

15.4. Passou pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP)? () sim (x)
não

16. Análise dos Dados:

. Referentes a documentos: Não possui análise de dados com documentos.

. Referentes às entrevistas:

“Com relação às análises das entrevistas, em diversas situações, os/as professores/as utilizam as seguintes expressões para descrever os meninos: potência, força, velocidade, ação, energia, movimento, agressividade, ‘cavalões’, mobilidade, se movimentam com mais facilidade, rapidez, mais duros e diretos, raiva, agressividade, competitivos. Já as meninas, as expressões inculem: tem menos habilidade, são lentas, lerdas, não acompanham, tem que ter paciência, meigas, calmas, delicadas, comedidas, menos energia e força.” (DORNELLES, 2011, p. 24).

17. Principais Conclusões:

“Sem a pretensão de criar uma nova oposição ou apresentar uma fórmula correta, coerente e verdadeira de trabalhar com o corpo, gênero e sexualidade na escola, ao finalizar este texto, o interessante é instigar a possibilidade de fazer-mos outras perguntas sobre o corpo, gênero e sexualidade com relação à Educação Física escolar separada e mista.” (DORNELLES, 2011, p. 27).

“A partir da análise das entrevistas, pode-se afirmar que, em geral, os conteúdos trabalhados pelos/as docentes se voltam para as práticas corporais esportivas. E é ao trabalhar o esporte que a necessidade de separar ‘aparece’.” (DORNELLES, 2011, p. 22).

18.1. Gênero:

“Considerando que o conceito de gênero foi cunhado pelo movimento feminista e sua assertiva pode ser construída a partir de diferentes marcos teóricos, demarco que, com base na produção de algumas estudiosas feministas (Scott, 1995; Nicholson, 2000; Louro, 2004, Meyer, 2004), gênero está sendo entendido e abordado como construção cultural.” (DORNELLES, 2011, p. 15).

“Joan Scott (1995), situando alguns pontos importantes com relação ao conceito de gênero para a pesquisa histórica, sinaliza como terceiro ponto o rompimento com as análises

binárias que constituem uma feminilidade e uma masculinidade como representação fixa dessa relação polarizada.” (DORNELLES, 2011, p.22).

“Linda Nicholson (2000) alerta que essa compreensão pode ser trabalhada em duas vertentes, que se diferenciam dentro da teorização feminista. Segundo a autora, numa das vertentes construcionistas, as análises operam com um “funcionalismo biológico”, como se houvesse uma base biológica a partir da qual se constituiriam construções sociais. No caso deste tipo de investigação, o sexo e os corpos seriam “constantes biológicas” sobre as quais os comportamentos e a personalidade se produziram-as dimensões sociais dos sujeitos.” (DORNELLES, 2011, p. 15).

“Isto significa compreendê-lo como “construto sociocultural e lingüístico, produto e efeito de relações de poder” (MEYER, 2003:16)” (DORNELLES, 2011, p. 16).

“Interessa-me, aqui, politizar e visibilizar as noções essencializadas de gênero que, de forma naturalizada e não questionada, demarcam diferenças e distinções entre estudantes – distinções que hierarquizam e dimensionam os seus lugares sociais, suas possibilidades e as justificativas para o “destinos” diferenciados de meninos e meninas nessa disciplina escolar.” (DORNELLES, 2011, p. 17).

18.2. Sexualidade:

“Ao atravessarmos gênero com categorias como sexualidade, por exemplo, é possível explorar a pluralidade e o conflito das formas como a cultura (e a Educação Física) distingue (e ensina a distinguir) meninos e meninas.” (DORNELLES, 2011, p.25).

“Essa dimensão do conceito de educação e da sua relação com gênero permite tensionar como os espaços escolares são atravessados e constituídos por concepções de gênero e/ou outras categorias sociais, como por exemplo, sexualidade.” (DORNELLES, 2011, p. 18).

FICHA DE LEITURA

PESQUISA

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COM OS TERMOS GÊNERO OU SEXUALIDADE, PRODUZIDAS NOS ANOS DE 2011 E 2012 (realizado do dia 15 a 01/05/2013, às 23h)

ARTIGOS DE PERIODICOS CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, PUBLICADOS DE 2011 A 2013 (até o dia 02/05/2013, as 16h20)

ARTIGO 5

1. Ano de Publicação: 2012

2. Título do Trabalho: Corpo e Movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil.

3. Páginas: 16 páginas.

4. Autor(a): a) Helena Altmann
b) Mariana Mariano
c) Liane Aparecida Roveran Uchoga

5. Instituição de Origem: a) UNICAMP
b) UNICAMP
c) UNICAMP

6. Titulação dos/as autores/as: Não consta titulação das autoras.

7. Identificação das palavra-chave da dissertação: Educação Infantil. Gênero. Movimento. Educação Física.

8. Referencial Teórico

8.1. Autores que fundamentam a temática central do trabalho:

- . ALTMANN, H.
- . ANDRÉ, M. E. D. A.
- . GEERTZ, C.
- . STANLEY, J.
- . UCHOGA, L. A.; PRODÓCIMO, E.

8.2. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre gênero:

- . BHAH, A.
- . CARVALHO, M. P.
- . CONNEL, Bob.
- . CONNEL, R. W.
- . FARIA, N.; NOBRE, M.
- . FINCO, D.
- . GOELLNER, S.
- . SCOTT, J.
- . THORNE, B.
- . WALKERDINE, V.

8.3. Autores que fundamentam a discussão e/ou concepção sobre sexualidade:

Não possui discussão e/ou concepção sobre sexualidade.

9. Temática Central: Estudo sobre gênero com crianças de escolas infantis em relação ao corpo e movimento nas aulas de Educação Física.

10. Apresenta Problema Claro: Sim Não

10.1. Qual?

11. Apresenta Objetivo Geral? Sim Não

11.1. Qual?

12. Apresenta Objetivos Específicos? Sim Não

12.1. Quais?

13. Tipo de Pesquisa:

estudos do tipo etnográficos

estudo de caso

pesquisa ação

pesquisa documental

survey

- () pesquisa participante
- () pesquisa experimental
- () história oral
- () pesquisa histórica

14. Metodologia

14.1. Técnica de coleta de dados: Observações etnográficas e entrevistas com 1 professor e 1 professora.

14.2. Local da coleta de dados:

1) Em 1 Centro Municipal de Educação Infantil (Cemei), localizada na região norte de Campinas (SP).

2) Em 2 centros de Educação Infantil (CeI) da cidade de Vinhedo (SP).

14.3. Amostragem:

1) Com crianças na faixa de 1 ano e 10 meses até 6 anos, durante os meses de agosto e setembro de 2006.

2) Com crianças de faixa etária em três níveis: maternal II (crianças de três anos); Fase I (quatro anos) e fase II (cinco anos).

15. Passou pelo Comitê de Ética na Pesquisa (CEP)? () sim (x) não

16. Análise dos Dados:

. Referentes a documentos:

Não possui análise de dados com documentos.

. Referentes às entrevistas:

Na primeira escola pesquisada, com a professora entrevistada, obteve a seguinte análise:

“Ainda que meninos e meninas estivessem realizando a mesma prática corporal, as expectativas em torno do resultado das ações para um gênero e para o outro eram diferentes. Ao perguntar para a classe se as meninas conseguem queimar alguém durante o jogo de queimada, ficou evidente a existência da dúvida quanto à capacidade delas para realizar tal efeito.” (ALTMANN, MARIANO, UCHOGA, 2012, p. 294).

Na segunda escola pesquisada, com o professor pesquisado, obteve a seguinte análise:

“ A fala do professor deixa a impressão de que o conteúdo esportivo tende a ser o grande vilão na construção das diferenças de gênero associadas à Educação Física e, por ele não ser, supostamente, oferecido às crianças na Educação Infantil, a contribuição que parte dessa categoria para o estabelecimento das diferenças não acontece nessa fase.” (ALTMANN, MARIANO, UCHOGA, 2012, p. 296).

17. Principais Conclusões:

“ Foi possível perceber, também, que não só o docente exerce influência sobre as crianças, mas a escola, como um todo, estimulando agrupamentos, experiências e relacionamentos distintos entre crianças, através de palavras, atitudes e ideais que transmitem ou não a concepção de separação. Porém, se de fato as ações docentes, como têm demonstrado as pesquisas, influenciam meninos e meninas dentro dos espaços educativos, podemos dizer que a formação destes quanto às questões de gênero é importante para uma intervenção de forma não desigual na prática pedagógica.” (ALTMANN, MARIANO, UCHOGA, 2012, p. 298).

18. Concepções

18.1. Gênero:

Conceito de gênero para Scott:

“[...] o gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana. Assim, gênero é pensado como uma construção social e relacional, na qual as diferenças biológicas existentes não são descartadas, mas parte de um processo mais amplo e complexo de produção de diferenças, do qual as instituições de ensino fazem parte” (ALTMANN, MARIANO, UCHOGA, 2012, p. 290).

“Thorne (1993), em sua obra intitulada Gender play, explica que a construção social de gênero entre as crianças é um processo ativo que acontece todos os dias da vida e afirma que “as interações das crianças não são preparações para a vida, mas são a própria vida” (THORNE, 1993, p.2)” (ALTMANN, MARIANO, UCHOGA, 2012, p. 292).

18.2. Sexualidade:

Não há trechos sobre sexualidade.